

„ a Espanha seis milhões de habitantes. A retirada dos „
 „ Sarracenos, as colonias do Novo Mundo, a expulsão „
 „ dos Judeos em tempo de Fernando I, a de 800000 „
 „ Moiros em 1610, a grande quantidade de Conventos „
 „ explicaõ a causa de huma populaçaõ tam diminuta em „
 „ paiz tam bello. „ Pode o Senhor Clarck porêm declara-
 rar, o que o seu patricio Wallace ajuizou sobre a popula-
 çãõ geral da terra; porêm com a advertencia, que fiquemos
 nós certos, que as conjecturas de semelhante Autor nem
 sempre se acompanhaõ da verosimilidade. Os seus discursos
 não tem a mesma força em todos os lugares, nem movem
 os juizos imparciaes de maneira, que os conuençaõ: pelo
 que eu sempre julguei a Wallace por hum daquelles Au-
 tores, que apegados a hum sistema, exageraõ tudo, quan-
 to o favorece, e desprezaõ aquillo, que pode infirmar o
 mesmo sistema.

Clarck. O assumpto da populaçaõ he de tal qualidade,
 que não podendo haver sobre elle nem noticias seguras,
 nem apoios fieis, nem regras fixas, andaõ os discursos co-
 mo ás escuras, humas vezes advinhando, outras valendo-
 se de conjecturas, que os caprichos ou aniquilaõ, ou mag-
 nificaõ, para cada qual, segundo a sua credulidade, esta-
 belecer, e fazer valer a sua opiniaõ. Mas he tempo de vos
 declarar em summa, o que discorre Wallace, para que formeis
 hum juizo prudente da populaçaõ, e depopulaçaõ
 em geral, e das causas do augmento, ou diminuiçaõ del-
 las. Lembra-se primeiramente o nosso Inglez, que tendo
 o mundo principio em nossos primeiros pais Adam e Eva,
 e sendo a propagaçaõ delles de tal modo, que á propor-
 çãõ que se multiplicáraõ os seus descendentes, se foi po-
 voando a superficie da terra: he coiza muito difficultosa
 o determinar com precisaõ o espaço de tempo, que foi
 necessario para a populaçaõ do Universo. E supposto que
 nós os Christaõs tenhamos a felicidade de ter na Historia
 Sagrada a certa origem do mundo, e das naçoẽs; com-
 tudo, como ha muitos incredulos, que por desgraça sua
 não podem, ou não querem comprehender, ou crer, o que
 na mesma Escritura se contém; quiz elle provar com ra-
 zoẽs demonstrativas, e mathematicas a verdade da mesma
 Escritura, a fim de convencer os mesmos incredulos. A
 cujo

cujo fim, não querendo aproveitar-se da longevidade dos primitivos, e Santos Patriarchas, considera Wallace a natureza humana do mesmo modo, que hoje a conhecemos, e conta $33\frac{1}{2}$ por cada geração: e suppondo que hum casal, isto he, hum homem e huma mulher, de que saiaõ seis filhos, tres varoões, e tres femeas, dois dos quais, (huma femea, e hum varão) morraõ antes de casar, ou de poder produzir, diz, que no fim do primeiro periodo de $33\frac{1}{2}$ annos haverá seis pessoas. Suppondo mais, que as quatro pessoas nascidas no dito primeiro periodo, e destinadas para perpetuar a especie humana, produzaõ no segundo periodo o mesmo numero de filhos, se vê que no termo de $66\frac{1}{2}$ annos haverá doze pessoas. E suppondo finalmente, que esta progressão tenha o mesmo successo nos tempos futuros, diz elle, que no fim do periodo 37, que vem a ser huma continuação de 37 gerações, no espaço de 1233 annos podia a terra conter em si não menos que quatrocentos e doze mil, trezentos e dezeseis contos, oitocentos e sessenta mil, quatrocentas e dezeseis pessoas; numero prodigioso, e muito superior, ao que a terra podia sustentar, e nunca teve. He verdade, que deste possível calculo argue Wallace, que a terra antigamente seria mais povoada, do que hoje he. Prosegue este Autor, contemplando ser impossível o determinar com certeza o numero dos habitantes, que tem o mundo no tempo presente, ou que tiveraõ os seculos passados; porém tomando por guia as observações, que Mr. Templeman escreveu na sua *Revista da terra*, fórma varias conjecturas sobre o estado actual do genero humano, e diz, que na supposição de ser todo o mundo povoado como Inglaterra, deve contar 4960 milhoões de pessoas: que sendo povoado como Escocia conterà 1650 milhoões: que sendo povoado como Hollanda 34720 milhoões: que sendo povoado como Espanha 1055 milhoões: que sendo tam mal povoado como a Russia, sómente conterà 457 milhoões. „ Ora „ (saõ palavras de Wallace) não sendo crível, que a terra „ na sua totalidade seja tam deserta, como he a Russia „
 „ fia „

„ sia, nem povoada proporcionalmente como a Hollan- „
 „ da, nem ainda como Inglaterra; e escolhendo huma „
 „ mediania para a contemplar como Espanha, parece- „
 „ me, que ella não tem presentemente mais, que mil „
 „ milhões de habitantes. „ Este arbitrario calculo de Wa-
 lace he feito sem a contemplação de todas as causas, que
 podem infirmar o seu sistema; porque a população do ge-
 nero humano não he uniforme em todos os tempos, e po-
 de augmentar-se, ou diminuir-se, segundo o concurso de
 varias causas, que o mesmo Wallace, e outros Autores
 consideraõ, dividindo as da depopulação, ou falta de gente
 em physicas e morais. Por causas physicas nomeaõ as
 pestes, fomes, intemperanças das estações, esterilidade das
 terras, terremotos, innundações, ar pouco sadio de va-
 rios paizes &c. mas advertem, que supposto estas causas
 sejaõ na verdade muito perniciosas e fatais para o pro-
 gresso da multiplicação da especie, comtudo não são tam
 damnosas, como as causas morais, que provêm das paixões do
 animo. E antes de deduzir estas causas, estabelece Wallace
 algumas maximas gerais, que elle diz serem tomadas da
 propria natureza, e confirmadas pela experiencia. I. que
 hum povo rude e grosseiro, que não conhece a Agricul-
 tura, nem as artes necessarias, não será nunca tam nume-
 roso como outro, que situado em clima semelhante, este-
 ja civilizado, e faça valer as suas terras, e as suas artes
 por meio de hum continuo trabalho industrioso. II. que
 nem todos os territorios são igualmente proprios para a
 propagação, porque as urfes, ou giestais frios e secos,
 as grandes, e encadeadas montanhas e rochedos, os areas
 ardentes, e os paizes pantanosos não produzirão nunca
 a mesma quantidade e qualidade de alimentos, que os cli-
 mas mais benignos, favoraveis, e mais proprios para a
 cultura: e por consequencia não haverá nellas hum nume-
 ro tam grande de habitantes. III. que ainda nos paizes
 ferteis, no caso de se repartirem as terras em porções pe-
 quenas, e quasi iguais, se fará nellas huma multiplicação
 mais avultada, porque cada huma destas porções bastará
 para alimentar mais pessoas, que as necessarias para a cul-
 tura: e por consequencia os seus proprietarios se animarão
 a tomar o estado de casados. IV. que hum paiz será po-
 voad

voado á proporção da fecundidade dos matrimonios, e da efficacia, com que elles se promoverem; porque huma nação viciosa, entregue á sensualidade, e aos namoros illicitos, onde o luxo, e o apego á ociosidade prevalecer com excesso, certamente experimentará huma grande diminuição da propagação, occasionada pelos ditos vicios, os quais arruinão os homens, e os inhabilitão para o matrimonio. A falta de saude em huns, de bens em outros, e a habituação ao luxo de quasi todos, lhes fará crer insupportavel, e impossivel o dito matrimonio. V. que quanto mais gente se empregar na Agricultura, na caça, na pesca, e nas artes necessarias, mais população se ha de experimentar: quando pelo contrario se os homens se distrahirem destas coizas, e se empregarem nas artes, que dizem unicamente respeito ao ornato e delicadeza, se ha por necessidade de seguir, que os seus costumes se depravem, que os temperamentos se debilitem, que todos se tornem fracos, preguiçosos, e tais, que se desanimem de tomar á sua conta o sustento de huma familia numerosa. Sendo regra certa, que a facilidade, com que o sustento se adquire, he a que mais anima para os matrimonios; e pelo contrario, onde o mesmo sustento he caro, e difficil de adquirir, fogem os homens das pensoes de casados.

D. Hug. E prova Wallace essas maximas?

Clarck. Sim, prova com a historia dos povos, e com a combinaçãõ dos antigos com os modernos: e mostra por factos constantes da mesma historia, que antes do estabelecimento do Imperio Romano se achava a terra muito mais povoada, que em algum outro tempo. E supposto que elle com outros Autores se afastassem da prevençãõ, com que Vossio considerou as coizas a favor da antiguidade, e não acreditem a exaggeraçãõ, com que Montesquieu julgou ser a população em tempo de Julio Cesar trinta vezes maior, que no tempo presente; não deixãõ comtudo de confessar, que os monumentos antigos, de que ainda perseverãõ as ruinas, ou temos provas innegaveis pela historia, fazem conceber huma população muito grande naquelles tempos.

Raul. Continuai com as causas da depopulaçãõ.

Clarck. Wallace, além das pestes, fomes, inundaçoẽs, terre-

terremotos e outras physicas, que já referi, e podem contribuir para a diminuição dos homens, lembra-se das bexigas, que apparecerão na Europa no anno de 640, e que, segundo os calculos do Doutor Jurin, arrebatão a duodecima parte dos viventes, e quasi todos antes da idade de poderem ter filhos: pelo que julga, que como os antigos não experimentaraõ nas suas idades doença tam matadora, como esta, haviaõ necessariamente de ter mais gente. Lembra-se mais do morbo gallico, que se manifestou na mesma Europa no anno de 1493, o qual nos seus principios fez grandes estragos: e supposto que ao presente não seja sempre mortifero, constitue os dois sexos estereis, e os debilita, e conduz ao triste caso de transmittirem aos seus descendentes ou a mesma molestia, ou outras suas apaniguadas, ou a mesma esterilidade, que he quanto basta para occasionar a depopulação. Lembra-se finalmente do luxo, o qual não sómente, como já disse, debilita os homens, mas os dispoem a padecer enfermidades frequentes, e sobre tudo os faz impacientes, e nada tolerantes das curas methodicas, e dos remedios ou desagradaveis, ou violentos, que são precisos para lhes conseguir a faude. A estas causas physicas acrescenta Wallace outras dez causas, a que chama morais, e sem as quais, diz elle, se não pode explicar cabalmente o phenomeno da depopulação, e consistem I. nas instituições civis, ou celibato: II. nos diferentes usos, que presentemente há, no que respeita aos creados, e aos pobres: III. nas diferentes regras da successão, respeitantes ao direito da primogenitura, ou dos morgados: IV. no pouco cuidado, com que se promovem os casamentos: V. no grande numero de soldados, que constituem na Europa os pés de exercitos: VI. na demasiada extensão do Commercio: VII. na pouca vigilancia sobre a Agricultura: VIII. na differença dos governos antigo e moderno: IX. na ruina, ou aniquilação dos Estados antigos, causadas pelas Monarchias mais poderosas, e principalmente pelo Imperio Romano: X. finalmente na perda, ou desprezo da antiga simplicidade, que tanto tinha reinado.

D. Hug. Estimaria eu muito, que me explicasseis mais essas dez causas, Senhor Clarck.

Raul

Raul. Eu o farei , para livrar alguns embarços , que hum natural de Inglaterra poderia ter em hum paiz , onde he perigosa a liberdade indiscreta. Quanto á primeira causa , diz Wallace , que o numero quasi igual de homens , e de mulheres , que nascem no mundo , mostra , que a ordem mais natural , e mais favoravel á propagação , requer , que cada homem não tenha mais que huma mulher , para melhor serem uteis á sociedade : pois que a Polygamia , junta á instituição dos Eunuchos , tem privado a mesma sociedade dos fructos inherentes ao matrimonio ; e com este motivo lembra Wallace as expressões , com que alguns Escriitores declamaraõ , e condemnaraõ as leis barbaras do Mahometismo. Faz mais outras reflexões bem proprias de hum Escriitor da sua nação , e que omittiria , se contemplasse , em que assignou grande população em tempo dos Romanos , que conheciaõ Vestais &c. Quanto á segunda causa diz , que presentemente se observa hum grande numero de homens , que mendigaõ o sustento , ou que sómente subsistem a expensas do seu trabalho diario , e persuade , que a indigencia os desgosta do matrimonio , ainda no caso de o effectuarem , e que os seus filhos ou morrem de tenra idade por falta de tratamento proprio , ou são debéis e doentes de sorte , que poucos chegaõ a idade , e estado de serem uteis á sociedade. Diz mais , que em outro tempo tinhaõ os homens , e as suas familias varios modos de subsistir , pois que , até no caso de cahirem em pobreza , tinhaõ o refugio de se entregarem a senhores ricos , que os alimentassem , os quais os animavaõ ao matrimonio , e tinhaõ hum grande cuidado e vigilancia sobre os filhos , nascidos dos tais matrimonios , por terem muito interesse na conservação e subsistencia de todos de sorte , que naquelles tempos tudo favorecia a multiplicação , tanto das pessoas livres , como das escravas. Quanto á terceira causa , diz , que os antigos dividiaõ os seus bens em porções quasi iguais , e os repartiaõ pelos filhos , que tinhaõ : Que ou ignoravaõ , ou não practicavaõ aquella predilecção , com que em muitos paizes se assegura , e destina para os filhos mais velhos quasi toda a successão da casa de seus pais , deixando-se os outros filhos expostos á indigencia : Que se consideravaõ obrigados a deixar os seus

descendentes em igual possibilidade , e estado de formar ; e sustentar huma familia: Que pelo contrario presentemente em muitos Estados sómente os filhos mais velhos , ou morgados lograõ a fortuna , e casa de seus pais , e ficaõ nos termos de sollicitar casamentos ; ao mesmo tempo que os mais filhos , expostos á necessidade , ou penuria , se afastaõ do matrimonio , pelo naõ poderem soportar por falta de proporcionados meios. Quanto á quarta causa , diz , que antigamente havia certas honras e privilegios , destinados para aquelles , que com muitos filhos ferviaõ a patria com bom numero de cidadaõs : Que a Grecia e Roma favoreciaõ muito os casamentos , e que os seus usos nada eraõ ventajosos para aquelles , que se naõ casavaõ depois de huma certa idade: Que pelo contrario no tempo presente , exceptuados os Suissos , onde existe huma grande populaçaõ , naõ ha paiz , onde se destinem distincões e prerogativas para os cidadaõs casados ; antes se nota , que huma parte da mocidade faz zombaria delles de sorte , que esta displicencia ou zombaria desgosta a muitos do estado do matrimonio. Diz tambem Wallace , que corre muito para a depopulaçaõ a grande quantidade de soldados , que constituem os exercitos e armadas , os quais vivem em hum celibato involuntario ; posto que este celibato os naõ escusa de se entregarem aos vicios , e de espalharem por meio delles gravissimos prejuizos. Pelo que toca ao Commercio , diz Wallace , que supposto os antigos o practicavaõ e conheciaõ , e tambem a utilissima arte da navegaçaõ , pois que enviavaõ colonias a varios paizes estrangeiros: comtudo como o commercio , que elles faziaõ , se naõ entendia a partes muito remotas , e nem enviavaõ colonias a climas muito apartados , e diferentes daquelles , em que nasciaõ ; naõ experimentavaõ os males , que occasionou á Europa a conquista da Asia , ou Indias Orientais , e da America , onde se tem perdido muitos homens , ou fosse tragados pelas ondas , ou destruidos pelas guerras e pelas doenças. O modo , com que Wallace diz , que a Agricultura offende a populaçaõ , he este. „ Algum dia „ (diz elle) as pessoas mais nobres e respeitaveis naõ „ se desprezavaõ de applicar-le á lavoira ; e as terras , „ fertilizadas com os soccorros , que lhes subministra „
 „ vaõ

vão estas pessoas, contribuiaõ com os fructos neces-
sarios para a subsistencia dos povos mais numerosos. O
que presentemente não succede, porque a vida rustica he
desprezada, e os que nella se empregão estaõ destitui-
dos da industria, conhecimentos, e meios precisos pa-
ra colherem da terra as possiveis commodidades e in-
teresses. O que naturalmente deve occasionar huma ef-
terilidade capaz de prejudicar ao augmento da especie
humana. Quanto á oitava causa, diz Wallace, que, an-
tes do estabelecimento do Imperio Romano, o que contri-
buia para fazer muito numerosas as nações occidentais, era
o serem naquelle tempo os governos pequenos, e inde-
pendentes, consistindo de ordinario em huma cidade, e em
hum pequeno territorio bem cultivado, e por conseguinte
muito cheio de gente. Quando pelo contrario no tem-
po presente, tendo os Estados da Europa huma maior ex-
tenção, succede, que sómente as suas capitais, e algumas
cidades grandes com as suas vizinhanças se encontrem
bem cultivadas, e contenhaõ por essa razão hum povo nu-
meroso, ficando os paizes distantes quasi ao desamparo,
por fugirem delles os seus habitantes, para se irem estabe-
lecer nas ditas cidades. De sorte que huma grande par-
te de terras se acha sem habitações, e sem cultura. Con-
tribuirão tambem as guerras com excesso, como diz Wa-
lace, para a depopulação, principalmente quando os Ro-
manos, os Godos, e outras nações barbaras destruirão hum
tam prodigioso numero de cidades, villas, e lugares po-
pulosos com os habitadores delles; os quais nunca depois
de tam grande ruina poderaõ pela maior parte tornar a
adquirir o seu antigo esplendor e grandeza: e isto princi-
palmente pela quasi total abolição dos seus antigos costu-
mes, que sendo substituídos por outros differentes, nada
contribuirão estes ao crescimento do genero humano. Fi-
nalmente considera Wallace, que antigamente sendo os go-
vernos muito limitados, ou reduzidos, tambem os homens
se contentavaõ com hum genero de vida muito simples,
muito frugal, e uniforme; não conhecendo apparatus, faus-
tos, nem grandezas em equipagens, vestidos, nem em me-
zas. Ignoravaõ o luxo, e a ociosidade, viviaõ do produ-
cto das suas terras, as quais cultivavaõ com desvelo, e ad-
qui-

quirião por preços muito moderados : causas todas , que conspiravaõ a favor da populaçaõ , porque era muito facil a sustentação de huma familia numerosa. E ainda no tempo , em que as conquistas dos Romanos introduziraõ entre elles huma grande abundancia , e a practica de hum luxo , e de huma ostentação , que ainda hoje nos admira e suspende ; tiveraõ o cuidado de introduzir huma grande desproporção entre o preço das coizas necessarias , e o das outras coizas respectivas ao ornato , delicadeza , e fausto , comprando-se as primeiras baratas , e as segundas por preços exorbitantes : de sorte que hum pai de familia estava sempre seguro de poder sustentar a sua casa por mais numerosa , que fosse a familia della. Pelo contrario , diz Wallace , se observa no tempo presente , porque aquellas coizas , que o povo não póde escusar para a sua subsistencia , estaõ por preços taõ altos , que muitas pessoas com tal consideração se não animão a tomar o estado de casadas , julgando-se impossibilitadas para a sustentação das familias. Além disso , que o luxo está tam introduzido até nas casas mais humildes , que vemos por elle sustentada a ociosidade , enfraquecidas as naturezas , e corrompidos os costumes : Que ja os homens se não contentaõ do necessariamente preciso , porque sollicitaõ as commodidades , os adornos , e o apparatus com o maior empenho , multiplicando as suas chamadas necessidades quasi ao infinito de tal maneira , que se hum homem já não basta para se tratar a si mesmo , como poderá , ou quererá encarregar-se de hum bando de filhos ? Sendo esta impossibilidade considerada , a que a muitos aparta do matrimonio , e sendo a ociosidade , os vicios , e a depravação dos costumes , os que arruinaõ as constituições mais robustas , e constituem infecundos os thalamos , em prejuizo evidente da populaçaõ.

Clarck. Feito este breve discurso sobre a populaçaõ , deviamos agora tratar do valor do trabalho tanto do lavrador , como do artista : do valor intrinseco das mercadorias : da circulaçaõ do dinheiro : do troco , e de todas as mais coizas pertencentes ás generalidades do Commercio. Porém estas materias devem ficar reservadas para occasião mais oportuna , em que se discorra do Commercio Portuguez. O que está

está dito, me parece basta para persuadir a importancia de profissão tam util, a sua nobreza, e a necessidade, que tem os Estados de o favorecer e illustrar.

D. Hug. Confesso, que tendes optimamente mostrado as conveniencias do Commercio; porém ainda assim duvido muito, que os meus paizanos se dediquem a elle com ardor e efficacia. Teriaõ por coiza pouco airosa, que hum Fidalgo, descendente de hum Rei Godo, ou de hum Consul Romano, se abatesse ao infimo ponto de exercitar a mercancia.

Clarck. Pois não sabeis vós, que esse Fidalgo, sem querer o nome de negociante, está commerciando continuamente? Elle vende o seu trigo, o seu vinho, o seu azeite, os seus cavallos, e todas as mais producções das suas terras, se he que tem a fortuna de as possuir; e não quer com tudo isto o nome de negociante?

D. Hug. Certamente que não quererá, porque esse commercio, que dizeis, o faz elle pela intervenção dos seus feitores, e não por si mesmo; no que se dá huma grande differença.

Clarck. Ah, Senhor D. Hugo, que receio muito em tais termos, que os netos desses Fidalgos venhaõ pelo decurso dos tempos a servir de creados aos descendentes dos seus feitores! Ora lede, meu douto amigo, a obra do Abade Coyer sobre a Nobreza Commerciantes, e allí vereis, que todo o representante deste grande theatro do mundo vive de Commercio. O Orador vende a sua eloquencia, o Autor o seu espirito, o Soldado o seu sangue, e o Estadista os seus conhecimentos. Eu por mim vos digo na verdade, que não terei por menos honrado aquelle, que ganhar a sua vida, pezando em huma balança, ou medindo com hum covado, que o outro, que enfrornado nos seus braços, e enroscado na sua casa solarega, costuma fahir della a espancar os outros homens, a alterar a paz, e o socego das familias honradas, posto que humildes, e a calcar as fearas do industrioso lavrador para caçar perdizes, ou lebres; acções, que mais de huma vez os tem conduzido ou ao patibulo, ou ao desterro, ou á mendicidade. Mas dizei-me, que empregos destinais vós para os vossos Nobres?

D. Hug.

D. Hug. A milicia, ou a toga.

Clarck. Saõ na verdade occupaçoës excellentes; porêm estai certo, que alguma vez valeo mais ao Estado hum simples commerciante, naõ digo eu, que hum grande Capitaõ, ou hum grande General, ou hum grande Ministro, mas que todas as forças da vossa Espanha.


D. Hug. Forte encarecimento, Senhor Clarck, ou falando em frase Espanhola, fanfarronada tremenda! Hum negociante mais poderoso, que hum Gonçalo Fernandes de Cordova, hum Duque de Alva, e outros eminentes Capitaës, de que fazem mençaõ as Historias!

Clarck. Eu o provo. A toda a Europa foi constante aquella grande armada, chamada invencivel, que equipou o vosso Rei D. Philippe, a qual poz em terror a todos os Potentados da terra. Sabei agora, que bastou hum negociante Banqueiro de Londres para destruir esta armada. Sabia elle, que faltavaõ vinte navios para a sahida della ao mar, e que para a compra, e aprestos delles se deviaõ sacar em Espanha letras de cambio sobre o Banco de Genova. Que fez o tal Banqueiro, para salvar a sua patria da borrasca, que a ameaçava? Sacou tantas letras sobre o dito Banco, que o esgotou, naõ obstante o por-se em risco de perder trezentos, ou quatrocentos mil cruzados. E que resultou daqui? Que naõ havendo no Banco de Genova, com que pagar as letras de Espanha, se demorou a compra, e o apresto dos navios, que faltavaõ, e por consequencia a sahida da armada, e quando emfim sahio, se inutilizou, e perdeu. Ora descubri na vossa Historia hum Capitaõ, hum General, ou hum Exercito, que com tam pouco custo, conseguisse para a sua patria semelhante utilidade. Eu naõ negarei, que hum soldado, que sacrifica a vida em defenfa da sua patria, ou derrota hum exercito, que a pertendia destruir, seja hum homem immortal, e digno da nossa veneraçãõ, e crecidos elogios; porêm se me appresentarem dois irmaõs, hum dos quais sendo soldado valeroso, destruir huma tropa de inimigos, e outro, que sendo commerciante, introduzir no seu paiz em tempo de fome, ou de carestia alguns navios carregados de trigo, ou de milho, confesso ingenuamente, que me acharia embaraçado sobre a avaliaçãõ do serviço de cada hum delles



DIALOGO III.

ANTIGUIDADES DO RIO LIMA, da Cidade ou *Forum Limicorum* dos Ro- manos, e dos Póvos Limicos.

Jul.  Ntes de dar principio a este Dialogo, de-
vo confessar-vos sinceramente, que tendo
eu viajado por muitos paizes ferteis e
amenos da Asia, America, e Europa te-
nho visto poucos, que sejaõ comparaveis,
e tam apraziveis como as veigas, e deliciosas campinas,
que se achaõ nas margens deste rio. Elle mesmo he todo
alegria, e encantamento.

Lam. Talvez que por essa causa alguns dos nossos Es-
critores trasladassem para aqui os CAMPOS ELYSIOS, de que
fazem mençaõ os Historiadores e os Poetas. Manoel de
Faria e Soufa, de cujo merecimento na Historia attestaõ
os naturais, e os estranhos (a), disse (b), que se houve
Campos Elyfios no mundo foraõ estes, em que estamos;
e que se os naõ houve, devem elles por tais ser tidos. Ou-
tro Historiador nosso, o famoso Antonio de Soufa de Ma-
cedo, (c) tambem disse, que naõ póde negar-se, que os
campos, que rega o Lima, sejaõ os Elyfios. Acresce o te-
rem dito os antigos, e entre elles Virgilio, que pelos
Campos Elyfios passava hum rio chamado Lethes:

Lethæumque, domos placidas qui prænatat, amnem.

E o saber-se, que este rio desde a antiguidade mais re-
mota sempre foi nomeado Rio Lethes. Estrabaõ o disse
expressamente tractando dos rios da nossa Provincia: (d)

Post

(a) Porcel no Retrato de Faria.

(b) Far. Epist. P. 4. cap. 5. n. 4.

(c) Maced. Flor. de Esp. cap. 1. Exc. 6.

(d) Strab. lib. 3. pag. 153.

Post hos Lethes, quem alii Limeam, alii Belionem appellant:
e são bem sabidos aquelles versos de Silio Italico: (a)

Quique super Gravios lucentes volvit arenas

Infernæ populis referens oblivia Lethes.

Raul. Lembrame, que Isaac Casaubono, bem reputado critico dos nossos tempos, illustrando esse lugar de Estrabão, que citais, ainda que confessa, que o Geographo antigo appellidou com razão este rio do esquecimento, declara, que o nome Lethes deve entender-se em genitivo, e não em nominativo; isto he, que o rio deve chamar-se do esquecimento, e não esquecimento: *Nam is fluvius non oblivio, sed oblivionis dicebatur.* Esta critica advertencia deve reputar-se tanto mais fundada e segura, quanto he certo, que Casaubono merecendo pela sua sciencia e candura a universal acceitação dos sabios, foi contemplado pelo nosso Rei de França Henrique IV, e pelo de Inglaterra Jacob I, como hum homem digno das attenções de ambos. Era doutissimo na lingua Grega, em que escreveu Strabão, e fez a este celebre Autor, a Theofrasto, a Atheneo, e a Polybio os Commentarios, que hoje melhor se reputão na Europa.

D. Hug. Eu não disputarei a Casaubono a sua erudição, porque requeri a imparcialidade nas nossas conferencias. Lembro só, que hum condecorado Autor nosso, o Bispo de Guadix, descrevendo as suas obras e caracter disse: (b) *Mira est Casauboni mordacitas & convicia ejus omni draconum felle amarissima.* Se teve estes defeitos, nunca eu o reputarei juiz seguro. Basta-me saber, que elle morreo em Inglaterra no anno de 1614, e que nasceo em Genebra no de 1559, para me persuadir, que sendo moderno, e Germano, não podia saber melhor que Appiano e que Livio Autores antigos, as linguas Latina, e Grega, nas quais escreverão, que este rio se chamava Lethes, *oblivio*, esquecimento, e não do Lethes, *oblivionis*, ou do esquecimento.

(a) Sil. Italic. 1. v. 235.

(b) Bibl. Sacr. tom. 3. pag. 141.

Raul. Reparai, Senhor D. Hugo, que além de Strabão citado pelo Senhor Lami, Plinio, e Pomponio Mela, que foram mais antigos que Appiano, disseram o mesmo, que Casaubono declara dever entender-se deste rio: isto he, que o nome Lethes deve ser posto em genitivo, e não em nominativo. Plinio, quando falla nelle, disse: (a) *Æmineus, quem alibi quidem intelligunt & Limæam vocant, oblivionis antiquis dictus multumque fabulosus.* E Pomponio: *Et cui oblivionis cognomen est Limia.* Estas opinioens de Escriitores tam celebres, e principalmente a de Plinio, que na Geographia de Espanha se reputa ainda de maior pezo que a de Ptolomeo, deve servir de desculpa a Casaubono a quem eu não pertendo defender, pois que, professando elle o Protestantismo, sei, que cá em Espanha são commummente mal reputados aquelles, que seguem outra crença, ainda em materias, que nada coincidem com a Religião.

Lam. Não he illo geralmente assim, Senhor Raulin. Espanha, e Portugal tem homens muito eruditos, que reconhecem os grandes adiantamentos, que muitos Escriitores Protestantes tem feito nas Artes e Sciencias; se bem que alguns mais prudentes e timoratos não podem animar-se a proferir elogios a favor daquelles, que empregados com excesso na especulaçãõ das sciencias humanas, mostraõ hum notavel descuido da mais importante do homem, que he a sua salvaçãõ. O Bispo de Guadix, citado ha pouco pelo Senhor D. Hugo, disse em resposta áquelles, que o notarem de parco nos elogios dos Autores Protestantes: (b) *Illis ego facile respondeo, me etiam in hæreticis ingenium & eruditionem agnoscere, nec ignorare, plura quoque & ipsos utiliter de variis argumentis elucubrasse, quæ per Ecclesiam licet fidelibus legere, eos tamen laudare, qui scientia ut plurimum humana tumidi vix omnes pios mordent & contemnunt, æquitatis jura non permittunt. INSOLESCUNT, CUM A CATHOLICIS HONORARI AUDIUNT.* Se ha algum dos nossos nacionais, que no avaliar o merecimento dos Escriitores con-

(a) Plin. Hist Nat. lib. 4. cap. 22.

(b) In Præm. tom. 1. Bibliogr. Sacr.

fundem a sciencia com a Religiaõ, fabei, que esse mal he commum a todas as naçoës, e a todas as crenças. Em toda a parte ha vulgo, fanatismo, e superfluidade. Inglaterra, por exemplo, he hum paiz, onde se cultivaõ com ardor, e com aproveitamento as Bellas Artes, e as Sciencias Naturais: Com tudo isso, Inglaterra tem os mesmos, ou maiores fanatismos, que aquelles, que muitos Estrangeiros censuraõ nos Portuguezes.

Clarck. Fanatismo em Inglaterra, Senhor Lami, quando naõ faltou na Europa quem lhe chamasse o paiz da incredulidade! (a) Isso, meu amigo, he huma coiza, que só tenho ouvido agora em Portugal.

Lam. Pois tende paciencia, que haveis de ouvilla a quem naõ he Portuguez, e escreveo em França o que vio, e observou em Inglaterra ha bem poucos annos. Quero dizer, Mad. Bocage, bem conhecida na Europa pelos seus escritos, viagens, e vasta comprehensãõ. Esta Senhora, cujas obras foraõ estampadas em Leam no anno de 1764 em trez volumes de oitavo, nos conta, que no tempo da sua chegada a Londres tinha certo soldado prognosticado hum terremoto, e destinado o dia para elle; o qual terremoto dizia o falso Profeta, que havia de arruinar aquella grande capital; e que com effeito fora tam crida pelo povo de Londres aquella tolice, que mais de dez mil pessoas fugiraõ para o campo a esperar o successo. E com a occasiaõ da relaçaõ d'elle diz Mad. Bocage estas bem significantes palavras: „Eu imaginava (diz ella) que „ „ o espirito philosophico estava mais derramado em In- „ „ glaterra, e tenho por certo, que semelhante vatici- „ „ nio causaria menos lusto em Pariz, do que causou em „ „ Londres. „

Raul. Certamente que em Pariz se naõ daria credito algum a esse impostor; porque o povo Francez tem, e teve sempre outras luzes e outro criterio, para avaliar e discernir as coizas.

Lam. Em toda a parte, Senhor Raulin, como já disse,

(a) L'Angleterre est depuis assez longtems le champ de bataille, ou le Christianisme & l'Incredulité ont depleyè leurs forces avec le plus d'eclat. Bibliothec. des Scienc. tom. 1. Part. 2. pag. 72.

ha vulgo nescio, e homens de letras, que em certas coizas não pensão melhor que o vulgo. França tem e teve, como os mais Reinos, seus prejuizos, e para vos persuadir isto melhor, e vos mostrar, que toda a terra tem hum palmo de máo caminho, como diz hum adagio Portuguez, quero, que vos lembreis de huma torre, que está junto do nosso Rio da parte do Norte, vindo de Vianna. Avistaste-la?

Raul. Sim avistei, e creio, que distará daqui quasi duas legoas.

Lam. Pois aquella Torre está situada na freguezia de Cardiello, de que a seu tempo havemos de tractar, e he chamada a Torre de D. Sapo. Os nossos Escriitores, principalmente o P. Carvalho na Corographia Portugueza, (a) affirmão, que alli vivia antigamente hum Fidalgo, chamado D. Florentim Barreto, que era Senhor da terra, e exigia dos seus vassallos recém casados, que a noiva, antes de ajuntar-se com o marido, se ajuntasse com elle. Que vos parece a vós desta antigualha, e deste uso?

Raul. O mais ridiculo, e escandaloso, que póde considerar-se: e se assim o praticavaõ os vossos antepassados, receio, que não possais eximir a vossa nação da nota de simples, de supersticiosa, ou de barbara.

Lam. Mas se eu vos mostrar, que em França tem havido costumes ainda mais barbaros e detestaveis que aquelle?

Raul. Em França?

Lam. Sim senhor. Na Historia do Abbade Velly, vosso compatriota, lemos, que na vossa Monarchia havia tanto peores usos, que aquelle de D. Florentim Barreto, quanto vai do geral ao particular. Quero dizer, que o de D. Florentim era em Portugal particular áquelle Regulo, e em França era commum, e transcendente a todos os Baroões do Reino, que gozavaõ a primeira noite das suas vassallas recém casadas. Eu não tenho animo de referir este galante costume se não na vossa propria lingua, assim como foi extrahido por hum vosso Escriitor da referida Historia: *Parmi tant d' excellens Loix, qui signalerent l'amour de Louis IX pour le*

(a) Corograph. Port. tom. 1. pag. 193.

le bien public, on est étonné de n'en trouver aucune, qui proscrie un usage que regnoit de son temps, usage barbare, qui prouve bien jusques a quel excès la corruption étoit alors montée. Les Seigneurs avoient imaginé le droit de prelibation, qu'on nomma depuis *Markette*, parce, dit on, que dans quelques endroits on put s'en racheter en payant un demi marc d'argent. C'étoit le droit, que se arrogèrent les Barons de coucher la première nuit avec les nouvelles épousées leurs vassales. Des Evêques, dit on, des Abbès jouirent de ce privilège en qualité de hauts Barons. Et dans la suite il n'y eut pas jusques a de petits Curés, que n'osassent y prétendre. Boetius raconte la dessus un fait très singulier. J'ai vu (dit il) a la cour de Bourges devant le Métropolitain un procès par appel pour un certain curé de *Paroisse*, qui prétendoit avoir la première nuit des jeunes épousées suivant l'usage reçue. La demande fut rejetée avec indignation, la coutume proscrire tout d'une voix, et le Prêtre scandaleux condamné a l'amende. Com que, Senhor Raulin, he preciso, que antes de censurarmos as mais naçoës, olhemos primeiramente, o que passa na nossa casa.

Raul. Eu julgava, que cá em Portugal não havia tanto conhecimento dos nossos costumes, e das nossas historias; pelo que procederei daqui em diante com mais cautella. Fallando porém ingenuamente digo, que em toda a parte ha vulgo nescio, e não duvido, que haja muitos Portuguezes fabios, que avaliem com conhecimento o justo valor das obras de litteratura, sciencias e artes, sem respeitarem a Religião dos seus Autores. Profigamos porém com os nomes do Lima.

Lam. Os nossos nacionais viverão sempre tão persuadidos, que este Rio foi antigamente chamado *Lethes*, que raros são os Escritores, que neste Reino escreverão depois do restabelecimento das letras, que assim o não affirmassem. O Chronista mór Fr. Bernardo de Brito (a), Manoel de Faria, (b) e todos os nossos Historiadores assim o certificão; mas sobre todos o cantou hum suave Poeta desta Ribeira, o celebre Diogo Bernardes, em varias partes das suas

(a) Brit. Geogr. de Lusit. tom. 1. Mon. pag. 567.

(b) Far. Eur. Port. tom. 3. pag. 179.

suas obras, principalmente na carta a D. Manoel Coutinho, na Elegia á morte de hum filho dos Viscondes de Villa Nova de Cerveira, na Ode ao Conde das Idanhas e na Elegia 7. do seu Lima, onde diz:

Junto do Lima claro, e fresco Rio,
Que Lethes se chamou antigamente.

Raul. Não gasteis tempo em citar lugares communs: Que o Rio Lima teve o nome de Lethes o reconhecem todos os Geographos modernos, que não foraõ Portuguezes. Nos Diccionarios de Martiniere (a) e de Baudrand o temos expressamente. *Lethes* (diz o ultimo) *qui & Limius, fluvius Hispaniæ Tarraconensis, nunc Portugaliæ, Forum Limicorum seu Pontem Limiæ rigat, deinde oppidum Vianna de Fos de Lima dictum, & paulo infra in Oceanum Athlanticum se exonerat.* O que devemos aqui averiguar he, porque a este rio se deo pelos antigos o nome de Lethes.

Lam. O citado Strabaõ o declarou, dizendo, que este appellido lhe resultou de hum successo acontecido entre os Turdulos e Celtas, naçoens bem decantadas nas Historias; as quais aliando-se para certa expedição, que intentavaõ fazer, querendo passar este rio, se suscitara hum motim, do qual resultou darem a morte ao seu Capitaõ; pelo que ficaraõ os soldados dispersos por esta Ribeira, esquecidos inteiramente da dita expedição, e dos motivos della. „ *Ferunt enim* (diz o Geographo antigo) *inter* „ „ *hos* (Celticos) *& Turdulos, cum fecissent expeditionem,* „ „ *eo Limeo flumine transito, ortam seditionem: ad quam* „ „ *cum accessisset Ducis obitus, mansisse illos ibi disper-* „ „ *fos, indeque oblivionis fluvio factum nomen.* „ O certo he, que os Romanos, que dominaraõ depois esta Provincia, estavaõ taõ persuadidos, que as agoas deste rio infundiaõ nos homens esquecimento, que a maior parte dos seus Generais, temendo esquecer-se de Roma, não queriaõ tentar a sua passagem, até que succedeo o caso de D. Junio Bruto, referido por Tito Livio, (b) e bem sabido pelas Historias. Refere aquelle Historiador, que dezejando Bruto

passar

(a) Baud. Lex. Geogr. tom. 1. pag. 331.

(b) Tit. Liv. Epitom. lib. 55.

passar o Rio Lima para fazer a guerra aos Callaicos, e vendo que os seus soldados reculavaõ o transito, temendo esquecer-se de Roma, sua patria, arrancara a bandeira das maõs ao Alferes; passara intrepidamente o rio, e o seu exemplo servio de estimulo ás legioes, que logo tambem o passaraõ, vendo que o General se naõ tinha esquecido dos nomes dos soldados, pelos quais bradava desde a outra parte do rio. *D. Junius* (diz Livio) *Lusitaniam triginta urbium expugnationibus usque ad occasum & Oceanum perdomuit: & cum fluvium Oblivionem transire nollent milites, ereptum signifero signum ipse transtulit, & sic, ut transgredierentur, persuasit.*

Ful. Esses dois successos acreditaõ maravilhosamente a celebridade deste rio entre os antigos. Dezejo porẽm saber, se entre os modernos se continuou tambem a intitular o mesmo rio do esquecimento, e com que fundamentos.

Lam. Os nossos Historiadores e Poetas deraõ-lhe com effeito sempre o nome de Lethes, como já ouvistes; porẽm os fundamentos foraõ diversos, porque huns entenderaõ, que procedia o appellido esquecimento de serem as suas agoas nocivas á memoria:

*A Lethes cuyo llanto,
Quando olvidos influe su bebida*

Como ajuizou o Cavalheiro Botelho, (a) e o Medico Mirandella sem as cabais informaçoẽs, com que devia esquecer o seu Aquilegio Medicinal, (b) disse, que as agoas deste rio eraõ na verdade pezadas, e como tais nocivas á faude. A maior parte porẽm dos Escritores mais acertadamente affirmaõ, que o nome de Lethes lhe resultara do summo descuido e brandura, com que corre, e da amenidade e belleza dos seus campos, que áquelles, que os vêm, induzem hum como esquecimento de todas as outras coizas. O mesmo Cavalheiro Botelho, bem celebre em Espanha pelo seu Alfonso, Poema do Novo Mundo, e galante obra das Covas de Salamanca, o tomou neste ultimo sentido, quando disse fallando deste rio:

L *Aun*

(a) Alphonf. lib.7. Est. 8.
(b) Henriq. Aquileg. Medic. cap. 4. pag. 220.

Aun de correr parece, que se olvida.

Bernardes tambem fallou no mesmo sentido na Egloga XV do seu Lima, quando disse:

O Rio, que verás tam socegado,
Que te parecerá, que se arrepende
De levar agoa doce ao mar salgado.

E que este Poeta e outros, que atribuem ás agoas do Lima a virtude de esquecer, alludem á brandura e socego do seu curso, se mostra das Rimas do dito Bernardes, em que deixou escrito:

Mas nunca deixará de ser formosa
No meu atribulado pensamento
A Ribeira do Lima saudosa.
Naõ caufará em mim esquecimento,
Inda que tem tanta virtude de esquecer,
O seu brando e suave movimento.

Tambem o cantou Fr. Agostinho da Cruz, irmão do mesmo Bernardes, na Elegia X das suas Poemas varias assim:

Junto das bravas agoas Oceanas
Choro, quanto cantei na mocidade
O' som daquellas manfas Limianas;
Daquellas, que já foraõ noutra idade
Com o nome de Lethes celebradas,
Por lhes faltar do curso a liberdade:
Que estando tanto tempo reprezadas
O tempo lhes deu nome de esquecidas,
Até lho dar Bernardes de lembradas.
Mostraivos, claras agoas, tam sentidas,
Quanto vos deu Bernardes de brandura:
Vejaõ-vos de correr ficar corridas.
Deixai secar nos campos a verdura,
Como já nos do Tejo se secou,
Por darem a Bernardes sepultura.

Final:

Finalmente outro Poeta nosso, o grande Sá de Miranda, em hum soneto, que escreveu respondendo ao mesmo Bernardes, disse:

O' que inveja vos hei a esse correr
Pola praia do Lima abaixo, e arriba,
Que tem tanta virtude de esquecer!

De sorte que o nome esquecimento alludio sempre á belleza e amenidade desta deliciosa Ribeira.

Ful. Confesso, que tendes convincentemente mostrado, que este Rio Lima foi em todos os tempos cognominado Lethes, e os motivos, que houve para huma tal denominação; porém eu devo lembrar, que a outros varios rios do mundo se deo o appellido de Lethes, ainda que me não sejaõ patentés os motivos, que para isso houve. Hum delles junto da Syrte maior na Africa brotava de huma grande altura, escondia-se na terra por hum longo espaço, e sahia della junto da famosa Cidade de Berenice: o que talvez deo occasião a dizerem varios Poetas, que o Lethes de Lydia era hum dos Rios do Inferno. O tal Lethes de Lydia, conhecido pelo nome de Rio de Magnesia, ou Manachia, dizem os Geographos, que se despeña do monte Paçtyas, corre pelos campos Magnessos, e se vai metter no Meandro. Outro Lethes na Macedonia junto da Cidade de Tricca, sobre o qual affirmão os Poetas, que nascera o Deos Esculapio. Finalmente foi conhecido outro Lethes na Ilha de Candia, chamado hoje Anapodari, ou Naporal, que passa por Gottino: e para todos estes Lethes teriaõ os antigos seus fundamentos para os appellidos.

D. Hug. Os nossos Escriitores Castelhanos querem, que o Rio Guadalete na Andaluzia seja o verdadeiro Lethes, que os antigos conheceraõ em Espanha, e parece que o nome, que ainda hoje tem, dá bastante pezo a esta opinião.

Lam. Tambem o nosso Faria, e alguns outros deraõ o nome de Lethes ao Rio Leça, que nasce junto de hum lugar deste nome no Concelho de Refojos, termo da Cidade do Porto; e se vai metter no mar em Matozinhos, povoação bem celebre nas nossas Historias pelo milagro-

fo Santuario, que alli se venera do bom Jesus de Bouças;
Diz assim Faria : (a)

*El Leza, que por hondo y fresco valle
Corriendo con sociego grave y blando,
Ocupa angosta y tortuosa calle,
Con los nombres de Lethes y Celando;
Pero si de el olvido se appellida,
Quien una vez le ve ja mas se olvida.*

Porém Faria, que talvez se esmerasse em applaudir o Leça sómente, porque na quinta de S. Cruz pertencente aos Bispos do Porto, que he regada pelo dito rio, compoz muitas das suas Poesias no tempo, que se achava assistindo ao insigne Prelado D. Gonçalo de Moraes seu parente: he certo, que na descripção dos rios padeceo muitas equivocacões; não só porque chamou Celando ao Leça, cujo nome, como eu creio, nunca elle teve (como logo direi) mas porque querendo ratificar na sua Europa a opiniaõ, que tinha seguido de chamar Lethes ao Leça, tractando alli do Rio Neiva, o vai metter no mar Oceano junto do lugar de Fam, sem advertir que o rio, que acaba entre Fam, e a Villa de Espozende depois de passar pela de Barcellos, he o Cávado, antigamente dito Celando, e que o Neiva entra no mar duas legoas mais adiante de Fam, onde chamaõ o Castello da Neiva, pouco distante do Convento Benedictino de S. Romaõ. O P. D. Jeronimo Contador de Argote nas Memorias, que escreveo do Arcebispado de Braga, (b) tractando da equivocacão, que commetteraõ alguns em dar ao Leça o nome de Celando, se explica bem na maneira seguinte: „ Assima do Avo „ entrava no mar o Rio Celando, ou Cela, ou Celado, a que „ hoje chamamos Cavado. O nosso eruditissimo Refende „ nas suas Antiquidades de Portugal, no titulo dos rios, „ pertende, que o Rio Celando, ou Celano, não era o „ Cavado, mas o Leça, que entra no mar em Matozi- „ nhos affina logo de S. Joaõ da Fós; porém não al- „ lega

(a) Fuent. de Aganipe Part. 2. Poem. 8.

(b) Memor. de Brag. tom. 1. pag. 103.

„lega fundamento algum de consideração, e tem con-
 „tra si, que Pomponio Mella na ordem, com que re-
 „fere os rios daquella costa, primeiro aponta o Avo,
 „depois o Celando. *Fluuntque per eos Avo, Cellandus,*
 „*Nebis, Minus &c, cui oblivionis cognomen est, Limia.*
 „Ultimamente (continua Argote) não he verosimil,
 „que aquelle Geographo fizesse menção do Rio Leça,
 „que a poucos passos depois de nascer entra no mar,
 „e não fallasse no Cavado Rio caudaloso, e que cor-
 „re paíz dilatado. „ Em outro lugar, (a) notando o titu-
 „lo de Lethes dado incompetentemente ao Leça, se expli-
 „ca Argote bem terminantemente para o nosso cazo da ma-
 „neira seguinte: „ Outra questão se póde, e deve exci-
 „tar, e he, se em Espanha havia outro rio chamado
 „Lethes. O Doutor João de Barros nas Antiquidades
 „de Entre Douro e Minho no Cap. 9 diz, que ao
 „Rio Leça chamaraõ sempre Lethes, e que assim o vi-
 „ra em escrituras antigas, e o P. D. Nicoláo de San-
 „ta Maria na Chronica dos Conegos Regulares liv. 6.
 „cap. 1. diz quasi o mesmo. Porém dos mesmos do-
 „cumentos apontados se vê, que aquelle nome se deu
 „ao Leça em tempos mais modernos, que os Roma-
 „nos; porque do tempo destes, nem do tempo dos
 „Godos não existem escrituras nenhuma em Espanha,
 „e assim este nome Lethes se se deu ao Leça, seria no
 „tempo dos Arabes, de que ainda existem algumas es-
 „crituras, e a meu ver a razão, porque se lhe daria,
 „seria pela alegria das suas margens, e derivariaõ o
 „nome não de Lethes esquecimento, mas de *Lætus* ale-
 „gre. „ Até aqui o que responde o P. Argote áquelles,
 „que fizeraõ ao Leça, Lethes. Respondendo agora aos Es-
 „critores Castelhanos, que, como disse o Senhor D. Hugo,
 „querem, que o Guadalete seja o dito Lethes dos antigos,
 „basta lembrar-lhe, o que a este respeito deixou advertido
 „hum dos mais bem instruidos Antiquarios Espanhois, o M.
 „Flores, na sua Espanha Sagrada, (b) onde depois de mostrar
 „com a autoridade de Avieno, que o Guadalete fora co-
 „nhecido

(a) Mem. de Br. g. tom. 1. liv. 1. cap. 8.

(b) Esp. Sagr. tom. 9. pag. 49.

conhecido por este Poeta com o nome de Chrysus, acaba
 desta maneira: „ Alguns querem, que este Rio Guadalete „
 „ se chamasse Lethe, e que os Mouros não fizeraõ mais „
 „ que antepôr o Guada que significa rio; porém eu qui- „
 „ zera, que allegassem testemunho, para reconhecer entre „
 „ os antigos outro Rio Lethes mais que o da Lusita- „
 „ nia. „ A' vista destas razões, e pelo que tenho mostra-
 do, nenhum homem cordato deixará de confessar, que o
 rio, conhecido em tempo dos Romanos pelo appellido de
 Lethes, he sem controversia o nosso Lima. Creio com tu-
 do, que este rio antes do successo dos Turdulos e Cel-
 tas, que lhe occasionou o tal appellido de Lethes (além
 do nome Belion, que julgo nacional) teve o de Lima da-
 do pelos Gregos, e deduzido de *Limne*, que na lingua
 Grega significa lagoa, pelo rio ter o seu nascimento em
 huma muito consideravel do Reino de Galliza no Bispado
 de Orense, como a seu tempo veremos, e como já lem-
 braraõ Fr. Amador Arraes, (a) o Marquez de Montebel-
 lo (b), e o nosso Chronista Mór Fr. Bernardo de Brito (c).
 Diga porém o Senhor Raulin, o que sente tanto sobre os
 nomes do Lima, como sobre os Campos Elyfios, que os
 citados Escretores collocaõ nas suas margens.

Raul. Não quizera eu, que empregassemos o nosso pre-
 cioso tempo em interpretar as opinioes dos Escretores an-
 tigos. A nossa Real Academia das Inscriptoões e Bellas
 Letras de Pariz tem consentido e approvado, que os seus
 Academicos trabalhem em acclarar muitos pontos da His-
 toria Egyptica, Grega, Romana, e Fabulosa, que os mes-
 mos antigos deixaraõ confusa, maltratada, ou impercepti-
 vel; e supposto que alguns dos ditos Academicos conse-
 guiraõ o dar clareza a varios pontos, a que se dedicaraõ;
 outros confundiraõ as coizas de maneira, que pozeraõ a
 verdade ainda mais distante, doque d' antes estava: nem
 eu julgo se devia esperar outra coiza de quem investigava
 opinioes de mortos, sem os fazer resuscitar para declaral-
 las. Quizera eu, que neste congresso nos contentassemos
 com

(a) Dialog. da Glor. e Triunf. dos Port. cap. 18.

(b) Memor. pag. 77.

(c) Monarch. Lusit. liv. 2. cap. 4.

com aquellas doutrinas, que se achão claramente escritas nos Autores, que possuimos; guiando-nos pelos que tem fama de verdadeiros, de prudentes, e de exactos; e desprezando os preocupados, os superficiais, e os chimericos. Todos os povos altercaõ continuamente sobre a origem e fundadores, que tiveraõ; e Espanha ainda hoje debate, se foi Tubal, ou seu sobrinho Tharsis, quem a povoou, e lhe deo leis. A todo o homem sezudo cansaõ controversias sobre huma materia, que difficultosamente póde ser decidida. Se os Campos Elyfios dos antigos foraõ em Espanha, ou em outras varias regioes do mundo, ha tantas coizas escritas, que eu mesmo me reputaria fastidioso, se quizesse numerar opinioes tam varias. Contentai-vos, Senhor Lami, que o nosso Abbade Banier, (a) reputado hum dos mais intelligentes Escriitores da Historia Fabulosa, se persuadio com bons fundamentos, que os Campos Elyfios assignados pelos Poetas, e Mythologicos antigos, existiraõ em Espanha; porque, a ser assim, nenhuma Provincia della he mais digna de se reputar Campos Elyfios, que esta de Entre Douro e Minho, em que nos achamos, e principalmente esta Ribeira Lima, que he o centro e o coraçaõ della.

Jul. Se nós dermos a Homero o credito historico, que as suas relevantes qualidades na Poetica tem merecido, devemos sem a menor hesitaçaõ assentar, que os Campos Elyfios dos antigos eraõ nesta Provincia. Na sua Odissea lemos nós (b), que Homero tractando de Ulyfles, rompe nestas misteriosas expressões. „ A ti (diz elle) elegeraõ „ os Deoses para enviarte aos felices Campos Elyfios „ nos fins da terra, onde aos viventes he a vida facil „ e suave. Alli naõ ha neve, nem invernos excessivos, „ e o mar Oceano está continuamente exhalando hum „ brando e suave Zefiro, com que tempera os ardo- „ res do Sol, e refrigera, e regala a todos os seus ha- „ bitadores. „

Sed te ad Elyfium Campum & fines terræ

Immortales mittent (ubi flavus Radamanthus est,

Ubi utique facillima vivendi ratio est hominibus.

Non nix, neque hyems longa, neque unquam imber;

Sed semper Zephyri suaviter spirantes auras

Oceanus emittit, ad refrigerandum homines.)

Ver-

(a) Banier Mytholog. tom. 5. liv.4. chap. 3. (b) Odyf. IV, 563.

Versos, que hum meu compatriota traduzio nos seguintes.

*Ma te ne li confini de la Terra
Al Campo Elisio di celesti numi
Ti manderanno, dove é Radamantho,
Ove é tranquilla vita a li mortali,
Ove neve non é, ne lungo verno,
Ne pioggia mai; ma Sol Zefiro spira
Aura soave, che da l' Oceano
Mandata fora, refrigerio apporta.*

Como nós pela Geographia sabemos, que este Reino, e esta Provincia, como partes occidentais da Europa, eraõ reputadas em tempo de Homero os fins da terra: que nella não ha frios, nem invernos excessivos, e intoleraveis, como em outros paizes: que as vidas são longas, os campos alegres, e fructiferos, os prados verdes, e floridos, e no veraõ mais callido sobe do mar continuamente huma viração, que diffundida por esta Ribeira tempera e suaviza os ardores do Sol; pareceme que de nenhuma outra parte podia fallar o Poeta com tamanha propriedade. Em fim, se estes não foraõ os Campos Elysios dos antigos, confesso, que tem qualidades, porque merecem por tais ser tidos.

Lam. Fareis todos hum juizo mais seguro da amenidade, e excellencias desta Provincia, se depois de a examinardes, como tendes feito, com os vossos olhos, me concederdes, que eu vos recite certas oitavas do Poema Lusiphneidos, que tenho manuscrito, onde o seu elegante Autor, digno na verdade de hum illustre nome, descreveo esta Provincia energica e florentemente.

Jul. Recitai por vida vossa, Senhor Lami, essas oitavas.

Lam. São as seguintes copiadas do Canto terceiro: (a)

Jaz entre Douro e Minho huma Comarca,
Que do Porto a Ponte vedra de comprido
Legoas de Espanha dez e oito abarca
Nas linhas do Geographo mais fido:

E

(a) Fr. Min. de S. Teref. Poem. Lusiphneid. cant. 3. oitav. 27.

E dezefeis no largo se demarca,
Breve espaço de terra no medido,
Mas no muito, que dá, no bom, que encerra,
Parece a terra Ceo, ou Ceo a terra.

O benigno do clima, o fam dos ares
As faudades conserva, estende as vidas;
E as ervas de Esculapio singulares
Sobejaõ só de Marte nas feridas:
Em voltas cento o Rei dos luminares
As forças acha pela gente unidas,
E a cada passo alegre a mocidade
Exemplos conta de longeva idade.

O monte erguido, a levantada serra
Com modesta soberba e louçania
No frondente arvoredado e rica terra
Engastaõ a bizarra pedraria:
Por campos de oiro nas searas erra
Do Zefiro suave a planta fria,
E sempre move a sua o caminhante
Por sombras, que o calor de Phebo espante.

Seis marítimos portos celebrados
Lhe deraõ sempre a mais famosa estima,
Os Faunos das Nereidas namorados,
Douro, Ave, Minho, Leça, Cabdo, e Lima:
He fama, que por elles despenhados
No valle fundo da elevada serra
Entravaõ pelo mar com fortes brios;
Mas convertidos hoje em doces rios.

Outros muitos, mais inopes de argento,
Com lenta via os valles passeando,
Vassallos seus, e duas vezes cento,
Entrar nelles se vem tributos dando:
Queixoso o Sol do genitivo alento,
Que seus raios tempera fresco e brando,
Autor se faz da eterna primavera,
Quando o Favonio a mesma gloria espera.

Não brota fonte, que da Caballina
 O musico cristal não represente,
 Ave não solta a voz mimosa e fina;
 Que não pareça Musa no que sente:
 A fresca rosa, a candida bonina
 No jardim culto e campo florescente
 Se ri de Pesto, a Guido desafia,
 E Pancaya se rende na porfia.

Com tanto excesso a especie multiplica
 O fecundo calor, que a Deosa Juno
 Se cansa de assistir, quando se applica
 De repetidos partos no opportuno:
 Ha pai, que os filhos numerozo explica;
 Competindo nos fructos com Vertuno:
 Ha mãe, que trez de hum parto a seu marido
 Offrece velho, e de annos opprimido.

Pois que direi de Ceres e Pomona,
 Se as messes mostram pingues de anno em anno;
 Por quatro vezes na fecunda annona,
 Que o labor lhe grangea rusticano?
 De globos de oiro quinze mil abona
 Huma só larangeira, e de hum abano
 Hum moyo de esmeraldas a enzinheira,
 Outro de crespa nós lança a nogueira.

Convidaõ-se as formosas Amadrias,
 Que dentro moraõ das vizinhas plantas;
 Pelas estancias frescas e sombrias
 Com fructas naturais em copias tantas.
 Tu, repinaldo, as outras desafias,
 De quem mel tomaõ as abelhas, quantas
 Pedras de assucar saõ com grato azedo,
 Pelo doce, que libam tarde e cedo.

Nessa arvore, que tem nome de amores;
 O Persico novêl gomo ingerido
 Hum composto gentil de dois fadores
 As delicias entrega do sentido;

Moder

Moderno aroma de elegantes cores,
Sangue Real de Piramo ferido,
Que abranda o coração do Perfa duro
Com doce condicão, peito maduro.

Dos bosques as Napêas se trasladam
C'os agrestes medronhos nos cestinhos;
A ver pintadas trutas como nadaõ
Sobre as margens dos humidos caminhos.
Quais em flores colher se defenfadaõ,
Para ornar os cabellos de raminhos:
Quais em os ramilhetes para o peito
De jasmims, cravo, rosa, e amor perfeito.

Do fertil campo em fim o melhor fruto,
Do pingue monte a mais gostosa caça,
Do pomar rico o mais bello tributo,
Qual seja mais aos olhos embaraça:
No rio e mar perenne o estatuto
Observa a rede, que delicias traça,
E com fer o paíz assim viçoso,
Marte o fente robusto e bellicoso.

Os lirios e os rolais servem de galas;
Como penachos sobre o aço puro:
Os prados o revestem, como a Pallas,
Para a guerra, enfeitando o peito duro:
Os pômos de oiro lhe parecem balas,
Para bater qualquer opposto muro,
E o Zefiro sonoro pelos ramos,
Qual pífaro, lhe faz doces reclamos.

Barcellos só, que o título affinalla
Ducal ao Bragançaõ filho primeiro,
Com trinta e dois pendoês no campo aballa
Dezoito mil soldados, verdadeiro
Exemplo, que assim só por todos falla;
E qual será o numero guerreiro,
Que possaõ completar as potestades
De tantas villas, de ambas as cidades?

Aqui no resplendor, que principia
 O Reino em claros orbes singulares;
 O Sol nasce da illustre fidalguia,
 Sol, que os raios reparte nos Solares.
 Bem como o coração, que o sangue envia
 Por roixas vêas nos vitais lugares
 Do corpo humano, a huma, e outra parte,
 Daqui, no Reino, o lume se reparte.

Para lavar de Adam a culpa herdada,
 Mil e quinhentas pias de agoa benta
 De Braga a Primazia celebrada,
 Do Porto a Mitra com primor frequentada.
 Aqui, louvando a Deos, Collegiada
 Igreja em coros sinco se apresenta,
 Imitando de varios fundamentos
 Tres vezes sincoenta bons Conventos.

Aqui florece aquelle bello Prado,
 Que, por antonomasia, se conhece
 Para nobre appellido e para Estado,
 Antiga condicão, em que florece.
 Nelle, se conta, que o Troiano oulado
 Enêas, entre as flores, que lhe offrece
 O Padre Anchises, vio seus descendentes
 De Troia a Roma illustres e valentes.

Por isto, e pelo mais do Ceo benino,
 Ar, terra, e agoas, que explicar não posso;
 O CAMPO ELISIO placido e divino
 Aqui julgado foi por todos nosso:
 Por elle segue o LETHES seu destino,
 Vagaroso Acheronte velho e grosso,
 Ou seja, o que essa Ponte vê da Barca,
 Ou o Leça do Porto na Comarca.

D. Hug. Contentaivos tambem, Senhor Lami, de que já hoje nenhum Escritor Castelhana póde duvidar, de que este Rio seja o Lethes dos antigos, depois que o Doutor D. Francisco Xavier Manoel de Huerta y Vega na sua

fua obra *Annales del Reino de Galicia* (a) deixou prova-
do, que he este Rio Lima, e não o Guadalete em Andaluzia
o Lethes celebrado pelos Escriitores Romanos. Creio com
tudo, que o appellido de Lethes nunca fez perder ao rio
o nome de Lima, ou Limia, não só pelo que consta de
Plinio; e mais Escriitores, que já citastes, mas porque
obseruo nas obras de Antiguidades bastantes inscripções
Romanas, de que se patentea, que ou aos naturaes desta
Ribeira, ou de huma Cidade, que nella houve com o no-
me de *Forum Limicorum*, se dava o nome de LIMICOS. O
nosso Flores (b) na sua *Espanha Sagrada* se explica da se-
guinte maneira: „ Estes Limicos fizeraõ-se muito famo-
„ sos entre os Callaicos, por cuja razaõ saõ muito no-
„ meados em documentos antigos, quer seja em inscrip-
„ ções, quer em Escriitores de *Geographia*: porque além
„ da inscripção, que se acha na ponte de Chaves, em
„ que elles estaõ expressamente nomeados, ficou a sua
„ cidade memoravel, como patria de algumas pessoas,
„ como mostrei em outro lugar (c) com huma inscrip-
„ ção posta em Tarragona a M. Flavio Sabino, natu-
„ tural de Limica, seu Duumvir e Sacerdote Flamen do
„ Convento de Braga, e outra em Salengre tom. 3. cap.
„ 7. col. 857. de hum Pompeo Rufo, e Calpurnio Vegeto,
„ ambos Limicos, enterrados em Antequera. E além destes
„ se acharaõ os Limicos mencionados em Plinio tractando
„ do Convento de Braga, e em Ptolomeo com o nome
„ de *Forum Limicorum*. Em Antonino, e no *Ravenate*
„ se faz tambem menção de outra Limia, posto que em
„ diverso lugar, pois esta distava de Braga sómente qua-
„ tro legoas, isto he, dezoito, ou dezenove milhas, e
„ muito perto, ou no mesmo lugar, em que hoje se
„ vê a Villa de Ponte de Lima; e a Cidade dos Li-
„ micos, ou *Forum Limicorum* de Ptolomeo, e das
„ duas primeiras inscripções he lugar muito diverso do
„ referido por Antonino, situando a capital conforme
„ as distancias em o nascimento do Rio Lima; quan-
„ do a Parada do Itenerario se acha collocada não lon-
„ ge

(a) *Annal. de Galic. tom. 1. lib. 1. cap. 13.*

(b) *Esp. Sagr. tom. 17. pap. 13.*

(c) *Esp. Sagr. tom. 15.*

„ ge da entrada delle no mar. O mesmo se colhe de „
 „ Ptolomeo, porque supposto tracte com desordem da si- „
 „ tuação de Braga, e da Fós do Lima, não colloca o „
 „ *Forum Limicorum* junto da costa do mar, mas pela „
 „ terra dentro, como se patentea das suas Tabulas. Por „
 „ esta razão não fizeraõ bem o Cellario e o Wefeling „
 „ em confundir o *Forum* de Ptolomeo com a Parada „
 „ de Antonino: porque esta, como deixo dito, cahia „
 „ perto da Fós do Lima, quatro legoas distante de Bra- „
 „ ga; e da dita Cidade distava muito o *Forum*, ou *Ci- „*
 „ *vitas Limicorum* das citadas inscripções, e de Pto- „
 „ lomeo. „ Até aqui o Mestre Flores: porêem pelo que das „
 „ suas exprelloes se colhe, se vê bem, que supposto no tem- „
 „ po dos Romanos foraõ conhecidos os póvos Limicos, es- „
 „ tes póvos deduziraõ o seu nome da Cidade de Limia, „
 „ ou Limica, que estava situada, não em o lugar, em que „
 „ hoje vemos a Villa de Ponte de Lima, mas muito pela „
 „ terra dentro no Sertaõ, junto do nascimento do Lima no „
 „ Bispado de Orense. O mesmo Flores, que tractando no „
 „ quarto tomo da Espanha Sagrada do Bíspo Idacio, natu- „
 „ ral de Limica, não achou titulos legais, com que mostrar „
 „ o sitio desta antiga cidade, os veio depois a encontrar „
 „ pelo modo, que refere nas Addições, que inferio no to- „
 „ mo 12. onde diz: „ Chegou já a occasião do descubri- „
 „ mento, não porque estivesse até agora sepultada a ver- „
 „ dade delle, mas porque não houve quem a conhecesse, „
 „ até que D. Pedro Gonzales Ulloa, Abbade de S. Eu- „
 „ lalia de Chamusinos, Termo da Villa de Ginzo, Bis- „
 „ pado de Orense, achou vestigios da cidade capital dos „
 „ Limicos, que procuravamos, em hum sitio, que dista „
 „ obra de huma legoa da referida Villa de Ginzo. Con- „
 „ serva-se até o dia de hoje o nome de Limia a hu- „
 „ ma planicie de trez legoas, cercada de montes por „
 „ todas as partes, os quais saõ quasi tam ferteis co- „
 „ mo a dita planicie, e ao mais oriental delles, que bai- „
 „ xa do norte ao meio dia, se dá o nome de monte „
 „ do Vifo. Neste monte se vê da parte occidental hum „
 „ plano, que tem duas milhas de circumferencia, o qual „
 „ he proporcionado para huma boa povoação, e com „
 „ bastantes indicios, de que alli a houve, pois que se „
 „ „ achaõ

„ achaõ naquelle sitio pedras lavradas, tijolos , e moedas „
 „ antigas. No meio do dito plano se conserva huma Ca- „
 „ pella dedicada a S. Pedro , e na sua faxada existem „
 „ duas grandes inscripções em pedra vasta apedernei- „
 „ rada , huma ao lado esquerdo da porta no meio da „
 „ parede , e outra ao direito. Em huma dellas se acha „
 „ a noticia , que buscamos , da cidade dos Limicos , pois „
 „ diz desta maneira :

IMP. CAES DIVI HAD
 RIANI F DIVI TRAIANI
 PARTHICI. NEP. DIVI
 NERVAE. PRONEP.
 AELIO HADRIANO
 ANTONINO AUG PIO
 PONT. M. TRIB. POT.
 IIII COS III P P.
 CI VITAs LIMICoRUM

„ Cada letra he do tamanho de quatro dedos de alto , „
 „ e só estaõ gastadas as que vaõ supridas com letras „
 „ pequenas. He dedicação feita ao Imperador Antoni- „
 „ no Pio no anno 141. de Christo , ou no seguinte , com „
 „ os quais concorreo o anno quarto da Potestade Tri- „
 „ bunicia do dito Imperador. A outra inscripção he de „
 „ Adriano no anno 132. ou no seguinte , em que se con- „
 „ tava a sua Tribunicia Potestade XVI , que a pedra „
 „ declara :

IMP.

IMP. CAES DIVI TRA
 IANI PARTHICI F
 DIVI NERVAE NEP
 TRAIANO HADRIA
 NO AUG PONTIF.
 MAX TRIB POT VI
 COS III PP. CIVITAS

„ Está apagado o fim da inscripção no lugar, em que „
 „ devia expressar-se o nome da cidade; porém não ha „
 „ duvida, que diria *Limicorum* como a precedente, por „
 „ terem ambas sido erigidas por huma mesma Respu- „
 „ blica: e por meio destas pedras fica averiguado o si- „
 „ tio da Cidade de Limica, por ser o em que ellas „
 „ se achão muito proprio para cidade; por serem pos- „
 „ tas em nome da Republica, que he quem nellas fal- „
 „ la; e por estarem conservadas em sitio original, isto „
 „ he, naquelle, em que se collocaraõ na sua origem; pois „
 „ mantendo-se, ou conservando-se em hum despovoa- „
 „ do de altura, consta, que não foraõ transportadas de „
 „ outra parte, mas que foraõ applicadas para a fabrica „
 „ da Capella, erigindo-se esta no sitio da cidade anti- „
 „ ga, de cujo plano se descobre todo o valle, e seus „
 „ arredores: pelo que era lugar muito proprio, para „
 „ que os antigos fundassem nelle povoação, por terem „
 „ por costume o buscar alturas, como mais proprias pa- „
 „ ra a defenza no caso de invasoës. Cahe este sitio en- „
 „ tre Monte Rei, e Orense, junto a Lodoselo, e No- „
 „ cello de Pena, lugares, que ambos ficaõ hum quar- „
 „ to de legoa distantes da Capella, a cuja planicie ain- „
 „ da hoje chamaõ a cidade. Alli pois esteve a cidade „
 „ dos Limicos, ou Limia, patria do Bispo Idacio, de „
 „ que se dirivou o nome actual de la Limia, sitio em „
 „ que nasce o rio do mesmo nome, como se póde ver „
 „ no

55 nō mappa de Fr. Fernando Ojea. ,, Isto he , quanto nos
informa o Mestre Flores na dita addiçãõ ao tomo 12. e
adiante no 17. ratificando tudo , quanto allí refere , fina-
liza (a) ,, Tem o sitio tambem differentes fragmentos ,,
,, de sepulchros , pedras lavradas , ladrilhos , e até moe- ,,
,, das antigas , que tudo califica povoaçãõ , a qual na- ,,
,, quelle tempo seria Fortaleza das principais ; porque ,,
,, além de dominar todo o valle , se levanta ao Sudo- ,,
,, este do monte hūm pequeno ferro , cuja parte supe- ,,
,, rior he chã , ou plana com huma milha de circun- ,,
,, ferencia , cercada em roda de fosso e contra fosso , pa- ,,
,, ra fazer a sua conquista sempre difficultosa. ,, A vista
disto , Senhor Lami , julgo eu , que os Limicos tomaraõ , ou
deduziraõ o seu nome naõ do Rio Lima , mas da cidade
deste nome , que allí houve.

Lam. Tudo vale o mesmo : porque se os pòvos Limi-
cos deduziraõ o nome da Cidade de Limica , esta cidade
o derivaria do rio pelas razoës , que ficaõ expressadas. De-
vo porẽm dizer-vos , que os nossos Escriitores Portugue-
zes querem , que os pòvos Limicos , de que tractaõ os an-
tigos , habitassem naõ longe da costa do mar , e por estes
mesmos campos vizinhos a Ponte de Lima , em que nos acha-
mos. O P. D. Jeronimo Contador de Argote , a quem o vosso
Flores copia em muitos lugares , sem o confessar , parece
que he desta opiniaõ , quando disse (b) , ,, Que os tais Li- ,,
,, micos eraõ pòvos particulares , que habitavaõ nas mar- ,,
,, gens do rio ; porẽm que como o dito rio corre por es- ,,
,, paço de mais de vinte legoas , podia duvidar-se o si- ,,
,, tio preciso da sua habitaçãõ. ,, Inclina-se com tudo a
que a dita habitaçãõ era na fõs do Rio pela razaõ com-
mua de se nomearem os pòvos habitantes nas fozes dos
rios com nomes derivados dos tais rios , e produz o ex-
emplo dos Paduanos , e Ticinenses de Italia. Fossem po-
rẽm os pòvos Limicos habitadores no fertoã , ou na fõs
do Rio Lima , o certo he , que estes pòvos tomaraõ o seu
appellido deste Rio , e que a existencia delles se prova
alẽm de Ptolomeo , e das inscripçoẽs já citadas , com ou-
tras

(a) Esp. Sagr. tom. 17. pag. 13.

(b) Mem. de Brag. tom. pag. 156.

tras repetidas pelo já mencionado P. Argote; (a) huma das
quais existe na Ponte da Villa de Chaves, e a quero re-
ferir, como foi mandada á nossa Real Academia da Histo-
ria Portugueza, porque faz menção de outros povos ex-
istentes naquelle tempo, dignos de se conservarem na nossa
lembrança:

IMP. CAES. VESP. AUG. PON.
MAX. TRIB. POT. X̄ IMP. XX̄ COS IX *
IMP. VESP. CAES. AUG. F. PONT. TRB
POT VIIĪ IMP XIIĪ. COS VI.

C. CALPETANO RANTIO QUIRINALI.
VAL. FESTO. LEG. AUG. PR. PR.
D. CORNELIO MAECIANO LEG. AUG.
L. ARRUNTIO MAXIMO PROC. AUG.
LEG. VII GEM. FEL.
CIVITATES X̄
AQUIS FLAVIENSES. AOBRIGENS.
BIBALI. COELERN. EQUAESI
INTERAMNICI. LIMICI. AEBISOC.
QUARQUERNI. TAMAGANI.

Naõ ignoro, que tem havido muitas alteraçõs sobre a
fórma das letras, e interpretaçõs desta inscripção. O ci-
tado Argote a traduz assim: „A legião decimaetima „
„ feliz „

(a) Arg. Mem. cit. tom. 1. pag. 320. 321. 322. &c.

,, feliz , e dez Cidades , a saber , os Aquiflavienfes , Ao- ,,
 ,, brigenfes , Bibalos , Celerinos , Equifilicos , Interam- ,,
 ,, nicos , Limicos , Ebifocenfes , Quarquernos , e Ta- ,,
 ,, maganos dedicaraõ esta memoria ao Emperador Ce- ,,
 ,, far Vefpafiano Augusto , Pontifice Maximo , tendo a ,,
 ,, decima vez o poder Tribunico , fendo acclamado Em- ,,
 ,, perador vinte vezes , e tendo fido Consul oito ; e ao ,,
 ,, filho do Emperador Vefpafiano Cesar Augusto , fen- ,,
 ,, do o tal feu filho Pontifice , e tendo o poder Tribunico ,,
 ,, oito vezes , e fendo acclamado Emperador quatorze ve- ,,
 ,, zes , e tendo fido Consul feis ::::: fendo Legados ,,
 ,, de Augusto , e Pro-Pretores Caio Calpetano , Ran- ,,
 ,, cio Quirinal, e Valerio Fefto, e fendo Legado de Auguf- ,,
 ,, to Cornelio Meciano , e fendo Proconful de Augusto ,,
 ,, Tito Aruncio Maximo. ,, Outros traduzem de outro
 modo , mas todos concordaõ , em que os moradores da Ci-
 dade de Limica foraõ huns dos contribuentes para a fa-
 brica daquella Ponte , e por iffo nomeados na mesma inf-
 criptaõ com o feu nome proprio *Limici*. He bem verda-
 de , que este nome fe acha efcripto com alguma alteraçaõ
 em outras pedras , que efcrevem *Limio* , onde a pedra de
 Chaves diz *Limico* : e tomando o P. Argote *Limios* , e
Limicos por povos differentes , colloca os primeiros em o
 nascimento , e os segundos no occafõ do Rio Lima.

D. Hug. Advirto tambem , que Flores presume , que este
 Rio , a quem os Romanos deraõ , como fica dito , o appel-
 lido de *Lethes* em attençaõ ao fucceffo referido por Stra-
 baõ (e a quem os Gregos antecedentemente tinhaõ , co-
 mo parece , dado o de *Limia* , por ter a fua origem em huma
 lagoa) teve antes outro nome ; e affenta , que feria o de
Belion , nome nacional , com que Plinio tambem o nomea,
 e para prova diz o seguinte : ,, He verofimil a opiniaõ ,,
 ,, de Xilandro , que julgou , que o nome de *Belion* appli- ,,
 ,, cado a este rio no texto Grego de Strabaõ (omitti- ,,
 ,, do na verfaõ Latina) he o mesmo que *oblivio* , por- ,,
 ,, que naõ fe achando nunca o nome *Belion* referido, e allu- ,,
 ,, dindo esta voz á de *oblivio* , parece que o Geographo, ,,
 ,, depois do nome de *Lethes* , quiz ajuntar os dois no- ,,
 ,, mes de *Limca* , e *oblivionis* , com que o nomeaõ os ,,
 ,, Latinos. Sem porẽm recorrermos a este fundamento, ,,
 N 2 ,, pode-

„ podemos em sentido mais litteral e recondito dizer, „
 „ que os naturais chamavaõ a este Rio *Belion*: *Post bos* „
 „ *Lethes*, quem alii *Limcam*, alii *Belionem* appellant: „
 „ porque até o dia de hoje aquelle sitio, em que o rio „
 „ nasce, he chamado pelos Gallegos o Lago Beon, que tem „
 „ muita semelhança com *Belion*: e como aquella terra „
 „ não tem sido inquietada por estrangeiros, conserva fi- „
 „ elmente os nomes antigos. Se o nome de *Limia* foi „
 „ imposto pelos Gregos, havia o Rio de ter outro ne- „
 „ cessariamente, antes que os Gregos allí chegassem, da- „
 „ do pelos naturais do paiz: e como estes ainda ho- „
 „ je usaõ do nome *Beon*, dado á origem do Rio, e „
 „ *Strabaõ* affirma, que alguns daõ ao dito Rio o no- „
 „ me de *Belion*, parece que nada ha mais natural pa- „
 „ ra salvarmos o texto do *Geographo* antigo, como „
 „ o dizer, que semelhante nome era o que os natu- „
 „ rais do paiz davaõ áquelle Rio. „ Estimarei com tudo, „
 „ que o Senhor *Raulin*, como *Philosopho*, e *Critico* prudente, „
 „ sobre as opinioes, e fundamentos referidos por mim, „
 „ e pelo Senhor *Lami*, nos diga sinceramente o seu senti- „
 „ mento.

Raul. Já eu vos suppliquei, que não gastassemos o nosso precioso tempo em interpretar opinioens de mortos. Por mais que nos cansemos, e se cansem os homens eruditos em averiguar, o que os *Historiadores*, e *Geographos* antigos entendiaõ por este, ou por aquelle districto, por esta, ou por aquella cidade, por este, ou por aquelle rio, sempre ficarão os seus sitios sujeitos á mesma incerteza, em que antes jaziaõ. Cada homem tem seu juizo, seus interesses, seus estudos, e suas paixoes. Querer concordallos a todos, será querer, que não sejaõ homens. Que o Rio *Lima* foi antigamente cognominado *Lethes*, já o Senhor *Julio* declarou, que estava convincentemente provado pelo Senhor *Lami* com todas as *Historias* antigas, e modernas. Não duvido tambem, que o nome de *Belion*, que *Strabaõ* affirma ter no seu tempo este Rio, fosse nome nacional, como sentio *Flores*: posto que outros *Autores* adaptaraõ o tal nome a outro rio, e parece-me que já li em alguém, que o nome *Belion* pertencia ao Rio *Cou-*

ra nesta mesma Provincia (a). Estas variedades interessão pouco a Historia do Rio, e não são de tal importancia, que mereçam as nossas discussões. No que toca porém á cidade dos Limicos, e sua situação, vista a differença, com que Ptolomeo, e Antonino fallão desta povoação, se he huma mesma, direi eu o meu sentimento, e servirá, o que differ, para daqui em diante regularmos os nossos juizos sobre as opinioens dos Geographos antigos. Primeiramente se olho para a Geographia de Ptolomeo, e vejo o Mappa de Galliza, que elle nos deixou (ainda depois de castigado por Autores, que se julgavaõ capazes de decidir sobre estas materias) acho tal confusão na situação dos povos, dos rios, das cidades, que julgo tempo perdido o de querer verificallo. Naquelle Mappa vemos o Rio Douro, que serve de demarcação á Provincia pela parte do Sul, e caminhando daquelle rio para o Norte, vemos os povos Celerinos, de cujo paiz se mostra no dito Mappa sair o Rio Avo, que he o primeiro, que depois do Douro, conforme elle, se mette no Oceano. Segue-se na Costa o Promontorio *Avarum* no paiz dos Nemetatos, como alli se representa, e depois os Rios Nebis e Lima. No sertam do Nebis achamos apontada a cidade dos Limicos com o nome de *Forum Limicorum*, e muito para o norte desta terra, ou cidade dos Limicos, e até para o norte do mesmo Rio Lima, vemos a cidade de Braga ou Bracaraugusta. Ora parece-vos a vós, que este Mappa, assim como se nos representa, deve servir de regra, ou de fundamento aos nossos discursos, tendo pelas ubicações das terras, e dos rios, como hoje os conhecemos, huma idéa muito contraria do que deixou escrito Ptolomeo? E cansaõ-se os Flores, os Argotes, e os mais Historiadores Espanhoes, e Portuguezes em conciliar este Geographo antigo! em adivinhar os seus pensamentos, e em querer dar clareza, ao que elle ou confundio, ou errou! Não seria melhor, que assentassemos, que Ptolomeo, posto que bom Geographo, e bom Astronomo, não podendo por si mesmo ver, e demarcar todas as Provincias, e Cidades, de que escrevia, se fiou de informantes, que não ten-

(a) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. Dissert. 2. liv. 1. cap. 8. pag. 109.

do as suas mesmas luzes, e os seus mesmos principios; e estudos scientificos, só o poderaõ certificar dos nomes das terras existentes, sem na realidade lhe poderem graduar a verdadeira situaçaõ dellas? Naõ vemos nós hoje, ainda depois que as Mathematicas tem feito tam grandes progressos, e principalmente a Geographia, e a Trigonometria, erros desmarcados nos mappas, que se nos apresentaõ, e de que justamente mofoã até os menos illuminados? Quando eu cheguei a Portugal, e quiz sobre hum bom e exacto mappa assegurar-me da situaçaõ das suas Provincias, Rios e Cidades, encontrei tanta variedade nos que se me apresentaraõ, que poucas luzes pude tirar delles. Soube, que o P. D. Luiz de Lima Theatino na sua Geographia da Europa dera em perspectiva os mappas, deste Reino, e das suas Provincias, e soube, que este varraõ fora hum excellente Mathematico. Nos ditos mappas, que julguei de maõ de Mestre, achei muitas coizas, que depois com a vista graduei de defeituosas. Basta, que vos cite o mappa desta Provincia do Minho, que vem inserto no tomo segundo (a) da dita Geographia, onde se achaõ muitas terras mal situadas, e outras baptizadas com tais nomes, que nem por elles se conhecem, nem com supplementos de letras se póde attingir, quais saõ os verdadeiros. O mesmo conceito formei dos que delineou Joaõ Silverio Carpinetti (se exceptuamos o do Patriarchado) e de outros de certo Anonymo ainda mais moderno, que no mappa Geral do Reino até teve a inadvertencia de collocar a Villa de Ponte de Lima da parte do norte do Rio. Ora se saõ tais, e tam consideraveis os defeitos dos mappas modernos em hum tempo, em que as Mathematicas, e tantos, e tam apurados instrumentos, e machinas podiaõ facilitar a medicaõ das terras, principalmente sendo compostos na Capital desta pequena Monarchia, quando os homens de letras naõ saõ raros, e quando as mesmas letras florecem com tantas vantagens; que havemos nós de ajuizar dos mappas, e descripçoens de Ptolomeo, delineados, e compostos talvez que arbitrariamente sobre relaçoens infieis em hum tempo, em que hum bom Astronomo, e hum bom Geo-

(a) Geograph. da Europ. tom. 2. ad pag. 1.

grapho erãõ phenomenos raros, e não estavaõ assistidos das machinas e instrumentos, que a Phisica moderna tem ideado para facilitar os seus experimentos, calculos, e demonstraçoens? Mas permittime vòs, Senhores, que eu faça hum breve exame da Geographia de Ptolomeo, e dos mais antigos, para melhor fundamentar o voto, que me pedis. Cláudio Ptolomeo, como vòs sabeis, foi natural de Pelusa no Egypto, posto que alguns Escriitores indebitamente o quizerãõ fazer de Sena em Italia. Floreceo no Imperio de Adriano, e de Marco Aurelio pelos annos de Christo 138, e resplandeceo muito na Astronomia, compondo della hum Systema, que teve muitos creditos, e pelo qual, e pela sua sciencia o appellidaraõ os Gregos Sapientissimo, e até (com superstição) divino. Alem de outras obras escreveo na lingua Grega a sua Geographia do Mundo, obra, que mereceo ser collocada nas mais famosas bibliothecas, estimando os Sabios muito o possuirem hum manuscrito della. O primeiro, que sabemos vertesse esta Geographia em Latim, foi o Alemaõ Nicolao Donis, que a estampou com mappas em 1481. Não contentes porem os homens de letras com esta traducção, trabalharaõ outras Jacob Angelo, o Besenhero, o Pyrkeimero, o Novioni, o Malecio, o Bronscorcio, Joaõ Venero, e finalmente Sebastiaõ Munstero, que commentou a Ptolomeu, e adornou a sua edição de estampas ou mappas Geographicos antigos e modernos com o titulo de Cosmographia Universal. Logo que se publicou esta ultima obra, foi investida por varios Autores, principalmente pelo Portuguez, Damiaõ de Goes, por Thomas Eremio, e outros, ao mesmo tempo que varias naçoens a fizeraõ traduzir nos seus idiomas, sendo Autor da traducção Franceza Belesforest, da Italiana Rusceli, e hum Anonymo da Alemã. Como porem se foi vulgarizando conheceraõ-se os seus defeitos por muitos principios: I. por que sendo diversos os manuscritos Gregos, que appareceraõ desta Geographia, tambem foraõ diversos os nomes, com que se appellidaraõ as terras, e as distancias, em que se collocaraõ muitas dellas, dependendo as interpretaçoens ou da sciencia, ou do capricho, ou da malicia dos interpretes, e dos amanuenses. II. Porque as distincçoens dos climas fizeraõ variar muito

a Geographia, sendo certo, que os antigos distinguindo fomete sette climas, e admittindo os modernos vinte e quatro, depois das viagens, e descobrimentos, que fizeraõ, naõ só variaraõ as coizas, mas vieraõ a encontrar-se na Geographia antiga capitais erros. III. porque a diversa positura do primeiro meridiano occasionou as diversificaçoens, que saõ obvias a todos os Sabios. Ptolomeo o collocou nas Ilhas Fortunatas, os Espanhois nas dos Açores, e os Francezes na do Ferro; e bem sabemos nós, que de huma tal differença de meridiano depende a variedade das ubicaçoens. IV. porque a mediçaõ dos graos, e o numero dos do Globo foi controvertida por muitos, como se pode ver nas obras de Fernelio, Ricciolo, Snell, Picard, e outros, os quais ora daõ mais, ora menos extensaõ a cada grao; e bem sabemos nós tambem, que das diferentes mediçoens resultaraõ diversas ubicaçoens, de que nos dá hum exemplo entre muitos o mesmo Ptolomeo, que confundio as Ilhas Fortunatas, ou Canarias com as Gorgadas, ou de Cabo Verde, affirmando, que as ditas Fortunatas estaõ collocadas entre os graos 10. e 20. de latitude, quando se sabe, que as ditas Ilhas estaõ entre 20. e 30. gr. e que entre os 10. e 20. estaõ as sobreditas Ilhas de Cabo Verde, a que Ptolomeo chama Gorgadas. Eu, meus Senhores, estou muito distante de entender, que os antigos careciaõ de cartas Geographicas, e de homens peritos neste genero de estudos. Sei, que o nosso Mr. Bonamy em huma Memoria, que se acha na Historia da Real Academia das Inscriptoens e Bellas Letras de Pariz do anno de 1752, mostrou, que os Egypcios ja desde o tempo de Moyse conheciaõ estas cartas, e que entre os Gregos compoz varias, e até Globos terrestes o celebre Anaximandro, discipulo de Thales; porem as ditas cartas naõ só tinhaõ as imperfeiçãoens, que tem muitas das dos nossos tempos, em collocar com grande differença huma mesma terra, mas muitas outras, que dependiaõ do capricho, e falta de luzes dos Historiadores. O citado Bonamy lamenta com este motivo os males, que á Geographia resultaraõ dos varios contos fabulosos, que nos deixaraõ os Chronistas de Alexandre Magno, sem exceptuar aquelles mesmos, que viviaõ no seu tempo, e que o acompanharaõ nas suas expediçoens;

ens e conquistas. Males, de que ja se tinha queixado Strabão notando a má fé, e a pouca exactidão dos mesmos Chronistas; os quais se contradizem até sobre aquelles mesmos factos, que presenceraõ, contando-os cada qual não do modo, em que na realidade succederaõ; mas daquelle, com que melhor lhes parecia, que lisongeavaõ a ambição, ou vaidade do mesmo Alexandre. Com que admiração não vemos nós hoje a ignorancia, com que aquelles Chronistas, ou Historiadores uniraõ o Mar Hyrcano ao Oceano Oriental, sumiraõ o intervallo, que separa a Lagoa Meotis do mar Caspio, deraõ ao Jaxarte o nome de Tanais, transplantaraõ ao Oriente, e ás margens do dito Jaxarte as naçoens situadas entre o Mar Caspio, e o Tanais, e finalmente confundiraõ o Caucaço da Colchida em huma montanha vizinha das Indias, levando á Asia muitos povos da Europa, sómente para darem á posteridade huma idéa magnifica das conquistas do seu Heroe? Tornemos porèm a Ptolomeo. Este famoso Geographo, que todos affirmaõ ter descripto com grande exactidão as Provincias do Imperio, que erros não commetteo na descripção das Gallias! Basta, que se leaõ as excellentes noticias, que das mesmas Gallias publicou meu compatriota Adriano Valois, para se conhecerem evidentemente as faltas de Ptolomeo; e sendo este Geographo tam pouco exacto na descripção das ditas Gallias, que lhe succedia com Espanha, que lhe ficava mais distante, e principalmente com esta Provincia do Minho, comprehendida entaõ na Galliza, sendo a ultima, e mais occidental parte da Europa, e reputada naquellas idades o fim do mundo? Nestes termos pareceme, que se deve julgar perdido todo o tempo, que gastarmos em averiguar, ou adivinhar, o que quiz dizer Ptolomeo neste, ou naquelle lugar da sua Geographia: e por conseguinte não podemos olhar para as suas cartas ou mappas, como para huma coiza irrefragavel. Que houve cidade, ou *Forum Limicorum* no tempo dos Romanos, he coiza incontrovertivel, constando expressamente o seu nome, e a sua existencia de Ptolomeo, e das muitas pedras, que nos ficaraõ do tempo dos mesmos Romanos. Quanto ao lugar, em que ella esteve, ou havemos de julgar, que foi, onde hoje se acha a Villa de Ponte

te de Lima, ou allì perto, como quer Argote, e mais Escritores Portuguezes: ou nas vizinhanças de Ginzo em Galliza no Bispado de Orense, como parece demonstra Flores, se he verdadeira a existencia das pedras, que elle cita, e se estas pedras são legais, e certa a tradicção constante, que elle tambem cita.

Lam. A favor de Ponte de Lima ha algumas razoes convincentes. 1. Por que o Itinerario de Antonino faz menção de hum lugar com o nome de Lima, ou Limia distante de Braga 18. ou 19. milhas: e por esta distancia ninguem duvidará, que o Itinerario entendesse Ponte de Lima, que fica distante de Braga quatro, ou cinco legoas Portuguezas, e as 18. ou 19. milhas assignadas por Antonino. 2. Porque Ponte de Lima pela sua vantajosa, e fertil situação, pelo seu actual, e proprio nome, pela sua antiguidade, e opulencia, e pela muita nobreza, que sempre teve, parece que deve preferir-se a hum lugar desconhecido e tal, como o da vizinhança de Ginzo, de que não ha mais memoria, que a referida por Flores. Eu não creci, que Ponte de Lima tomou o nome da ponte, mas que a ponte o tomou do lugar, como v. gr. ponte de Coimbra, ponte de Prado, ponte de Vouga &c. porque observei haver mais pontes sobre este mesmo Rio, que não tem semelhante nome, v. gr. Ponte Pedrinha, Ponte da Barca &c.

Raul. Comtudo isso pareceme, que a Cidade dos Límicos, de que fallou Ptolomeo, e as pedras Romanas citadas por Argote, Flores, e mais Antiquarios, se deve considerar fundada não no occaso do Rio Lima, e no lugar, em que hoje se acha a Villa de Ponte de Lima; mas em o nascimento do mesmo Rio no Reino de Galliza, e no Bispado de Orense no lugar, em que a considerou Flores, não só pelas razoes, que este produz, e que me fazem grande força, mas porque leio em Strabaõ (a) que os Callaicos habitavaõ pela maior parte nas terras montuosas: *Gallaci autem novissime montana habitantes ut plurimum*: o que favorece mais as montanhas vizinhas de Orense, que os deliciosos campos, que banha o Lima

jun-

(a) Strab. lib. 3. de situ Orbis.

junto do seu occaso. O ponto está, que nas historias mais antigas de Espanha, depois de D. Pelayo, se achem noticias, que comprovem, e não destruaõ esta minha opiniaõ.

D. Hug. As historias, que hoje conhecemos escritas depois de D. Pelayo, e ainda antes d'elle, favorecem, Senhor Raulim, com termos bem claros o vosso sentimento. No Chronicon do Bispo Idacio se lê, que elle fora natural de huma cidade chamada Limica ou Lemica. *Idatius Provincia Gallacie natus in Lemica civitate magno divino munere quam proprio merito summi Præsul creatus officii &c.* Este Idacio morreo pelos annos de Christo 474. de huma idade avançada, tendo sido Bispo 43. annos, e tendo nascido antes do anno 400, como se deduz da sua mesma obra. Por esta conta escreveo Idacio o seu Chronicon 300. annos somente pouco mais ou menos depois de Ptolomeo, e no tempo, em que os Suevos, e Godos tinhaõ inundado Espanha; pois que por elles foi prezo em Chaves no anno 462, como se lê no mesmo Chronicon: *Frumarius cum manu Suevorum, quam habebat, impulsus, capto Idatio Episcopo setimo kalendas Augusti in Aquæflaviensi Ecclesia, eundem conventum grandi evertit excidio.* Ora pareceme a mim, que esta cidade de Lemica, ou Limica, patria de Idacio, serà a mesma, de que se lembrou Ptolomeo 300. annos antes, e que situou em Galliza, não em a costa do mar, mas no sertam, ou pela terra dentro: e a prizaõ de Idacio em Chaves favorece mais as vizinhanças de Ginzo no Bispado de Orense, que as de Ponte de Lima no Arcebisado de Braga; por ser Chaves lugar muito trasmontano, pouco distante de Ginzo, e muito de Ponte de Lima, e haver na pedra da ponte da quella Villa, que ja se referio, noticia de que os Limicos concorreraõ para a fabrica da mesma ponte, que he hum signal certo da sua vizinhança. Acresce a existencia daquella outra pedra, que se achou em Friens termo de Montealegre vizinho de Chaves, citada pelo P. Argote (a) nas Memorias de Braga, de hum certo Camalo Limio, que no dito lugar se enterrou, o qual lugar, e a Villa de Chaves, como ja disse, estaõ muito

(a) Argot. Memor. de Braga tom. 2. pag. 507.

proximos a Ginzo, e muito distantes de Ponte de Lima; em cujas vizinhanças tendo-se descoberto as muitas pedras Romanas, que declara o dito Argote, assignando os lugares, em que actualmente se achão, e os letreiros, que tem, não se vê em alguma dellas memoria nenhuma da cidade de Limia, como era natural, que se visse, se a mesma Cidade tivesse existido nas ditas vizinhanças. Corrobora-se este meu sentimento com algumas passagens da Historia Compostellana, e com a Chronica do nosso Rei Affonso VII, de que se mostra, que Limia, e seu territorio pertencia ao actual Bispado de Orense em Galliza. Nestas Historias ha mais certas noticias da dita povoação, e seu sitio, do que em Idacio: porque no tempo deste Bispo ainda a Provincia do Minho pertencia a Galliza, o que ja não succedia nos tempos mais posteriores, e nos Reinados da Rainha D. Urraca, e seu filho Affonso VII, de que tractão as ditas Historias: porque então ja a dita Provincia estava separada de Galliza, incorporada na Coroa de Portugal, e com Reis proprios, que tinhaõ a sua Corte em Guimaraens dentro da mesma Provincia. A Historia Compostellana, que foi escrita ou principiada a escrever pelos anno de 1110, tracta principalmente em dois lugares da povoação ou seja Cidade, ou Castello de Limia. O primeiro diz assim (a): *Præterea Regina venit in Limiam, ut obtunderet superbiam Menendi Nunis, qui rebellis ei Limiam depopulabatur. Quo peractõ reversa est Lupariam.* O segundo diz assim (b): *Tandem Archiepiscopo & Regina cum exercitu suo a Portugallia revertentibus ventum est Limiam & per Cellam novam ad Castellam, quæ est in ripa Minei.* Aqui estaõ claros dois lugares, em que Limia he nomeada, e bem especificado o sitio da sua existencia, a quem souber a historia da Rainha D. Urraca, as suas muitas peregrinaçoens, as differenças, que teve com D. Diogo Gelmires, Bispo e depois Arcebispo de Santiago, e as guerras, que moveo a sua irmã a Rainha D. Teresa viuva do Conde D. Henrique, Senhores proprietarios de Portugal, e Pais de D. Affonso Henriques, primeiro Rei deste Reino. Naquellas duas passagens
se ve

(a) Hist. Comp. lib. 1. cap. 107.

(b) Hist. Comp. lib. 2. cap. 42.

se vê, que Limia era povoação do Reino de Galliza no tempo, em que a este Reino ja não pertencia a Provincia do Minho, e que ficava perto do castello de Luparia, e posta em tal sitio, que a Rainha D. Urraca voltando da guerra de Portugal, chegara áquella povoação, villa, ou cidade, e dalli, passando por Cellanova, fizera caminho para a Ribeira do Minho, onde naquelle tempo estava situada a povoação de Castella, que era junto de Ribadavia no Bispado de Orense. O que claramente se mostra de outro lugar da referida Historia Compostellana, quando tracta do sitio, ou expugnação de Compostella em tempo do seu Prelado Gelmires; pois que nomêa os soldados de Limia, e de Castella, como partes componentes do exercito nacional de Galliza: *A parte Montis sacri obsidet Comes A. cum exercitu Limianorum, adjunctis sibi Castellanis, Decianis & aliis cum pluribus,* (a) Nem he necessario mais, que saber alguma coiza de Geographia, para se conhecer, que a Rainha D. Urraca, voltando de Portugal depois de ter combatido o Castello de Lanhoso, devia fazer o seu transito por Vieira, Cabreira, a Lima ou Limia: dalli a Cellanova: e dahi a repassar o Minho em Castella, terra da sua jurisdicção: visto que sendo naquelle tempo a Provincia do Minho o centro da força e dominio Portuguez, e achando-se as margens do mesmo Rio, pertencentes á mesma Provincia, fortificadas, e coalhadas de soldados Portuguezes, não podia a Rainha fazer a sua retirada tanto a salvo, e com a segurança, que dezejava, se não pelo dito caminho, para ir repassar o Minho no sitio, em que ambas as suas margens eraõ da sua jurisdicção. Disse, que tambem na Chronica do nosso Rei D. Affonso VII se faz expressa menção de Limia, o que não tem a menor duvida: pois que tractando do Conde D. Fernando Joannes, que governou o Castello de Allaris, não muito distante de Ginzo em Galliza, e no mesmo Bispado de Orense, se explica do seguinte modo: (b) *In diebus illis erat in Limia quidam Dux nomine Ferdinandus Joannis, strenuus miles Imperatoris & amicus fidelis, te-*

(a) Hist. Comp. lib. 1. cap. 116.

(b) Chron. de Aff. VII. ad ann. 1137. pag. 348. ediç. de Fl.

nebatque Castellum quod dicitur Alleris & alia plurima &c.
 Vai fallando da entrada, que fez em Galliza El Rei D. Afonso Henriques de Portugal, e da construcção, que fez naquelle territorio de Limia do Castello de Celmes: e de tudo se conclue, que a Limia allí nomeada estava situada no paiz, em que nasce o Rio deste nome, e não nesta Ribeira, em que nos achamos, vizinha a Ponte de Lima.

Clarck. Se guardei silencio até agora, não permitto, que se acabe a questão sobre a Cidade de Limia, sem que eu diga alguma coiza a respeito della. Que a houve no mundo, he innegavel: que estava em Galliza, pareceme que tambem o deve ser: que Idacio nasceo nella, se prova com a sua mesma confissão: que os Limicos, ou Limienses, ou Limianos eraõ muito conhecidos e famosos entre os Galizianos, tambem não tem duvida alguma. Agora o apropriardes vos, Senhor D. Hugo, as autoridades da Historia Compostellana, e da Choronica de Affonso VII, a huma Cidade, e não a hum territorio, he coiza, que não posso deixar passar sem nota. A Limia, mencionada naquellas duas Historias, parece mais propriamente huma Comarca, ou Termo, do que huma Cidade, ou povoação restricta e tal, como devia ser a Cidade, ou *Forum Limicorum* dos Romanos.

D. Hug. Como tenho examinado com bastante exacção as nossas Historias de Espanha, para verificar as minhas investigações, e descubrimentos Genealogicos, respondei, Senhor Clarck, á vossa duvida. (a) Em Espanha se nomeavaõ, ou demarcavaõ antigamente os Territorios com o titulo de Merindades, (b) que quer dizer, restricto comprehendido na jurisdicção de hum Meirinho mór; pois que os Meirinhos móres naquelle tempo governavaõ os ditos restrictos com jurisdicção amplissima. Daqui resultaraõ os nomes das muitas Merindades, que houve nomeadas nas Historias, v. gr. Merindad de Placencia, Burgos, &c. porem cada hum daquelles restrictos recebia o nome da terra capital delle. Seria coiza bem galante haver territorio, ou termo de Limia, sem haver povoação, que lhe desse

(a) Covarrub. Thes. da lingua Castel. V. Merindad.

(b) Diccion. da Acad. da ling. Cast. tom. 4. pag. 552.

desse o nome! Eu não tenho duvida, que algumas das nossas Historias de baixo do nome de Limia entendessem alguma vez a grande veiga, ou territorio, que jaz em o nascimento deste Rio, e da qual tractaremos a seu tempo: porem que este territorio tomou o nome da Cidade tantas vezes nomeada pelos Geographos, e inscripções Romanas, parece-me a mim, que não pode duvidar-se. Para melhor vos capacitardes, sabei, que ha muitas escripturas nos Archivos das nossas Cathedrais de Espanha, onde a Limia de Galliza he expressamente nomeada, incluída e adjudicada ao Bispado, e Igreja de Orense. Em huma, pela qual o nosso Rei Affonso III no anno vigesimo primeiro do seu Reinado, e no de 886 do nascimento de Christo, com sua mulher D. Ximena fazem huma notavel doação à Igreja de Orense, a qual imprimio o tantas vezes citado Mestre Flores, (a) se faz expressa menção de Limia, e da sua Igreja, como existentes, e conhecidas naquella remotissima idade: *Concedimus* (diz o Rei) *Ecclesiae Dei, vestraeque cuncta secundum definitiones Sanctorum Patrum, terminos Ecclesiarum Pala Aurea, LIMIA, Berragio, Lemaos, Bebalos, Zepastos, Guerres, Pinza, Casavio, Vereganos, Senabria &c. Hac omnia cuncta cum villis, viculis &c. Ecclesiae vestrae jure perpetuo tradimus.* Passados annos, correndo o de Christo 1132, o Rei Affonso VII fez outra doação á mesma Sé de Orense, a qual confirmou seu neto Affonso IX em 1228, e nella assigna o Infante D. Pedro, Mordomo mór deste ultimo Rei, e declara ser então Governador ou Tenente Rei em Limia, Leaõ, Zamora &c. por este modo: *Infante D. Petro existente Maiordomo Domini Regis Tenente LIMIAM, Legionem, Zamoram &c.*, de que se mostra, que Limia, não obstante que teria ja perdido muito daquelle esplendor, com que foi conhecida em tempo dos Romanos, ainda assim era huma terra tal, que merecia nomear-se com preferencia às duas Cidades de Leaõ, e de Zamora, bem famosas em todos os tempos: e que se os governos, que tinha aquelle Infante de Leaõ, e de Zamora, diziaõ relação a estas duas Cidades; tambem o de Limia devia seguir o mesmo exemplo, principalmente quan-

(a) Flor. Esp. Sagr. tom. 17. pag. 243.

quando pela Historia Romana, e das inscripçoens achamos esta terra ou Cidade conhecida desde tempos muito antigos. Muitas outras Escrituras semelhantes á referida podia eu citar para prova, de que nos tempos dos nossos primeiros Reis constituia Limia hum governo taõ autorizado, que o occuparaõ os maiores Fidalgos, e personagens daquellas idades; mas limito-me a sustentar com huma nova razaõ, que a Limia de Galliza desde tempos muito antigos era mais conhecida em Espanha, que a Villa de Ponte de Lima: e para isso quero valer-me da doação, que fez o nosso Rei Ordonho II do Couto de Cornelham á Igreja de Santiago no anno de 915, a qual se acha copiada em muitos dos nossos Historiadores, e tambem nos de Portugal, (a) pois se vê lançada nas Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza do infatigavel P. D. Antonio Caetano de Sousa. Cornelham, como tereis visto, he hum Couto, que hoje pertence á Serenissima Casa de Bragança, o qual está defronte desta freguezia, e parte quasi que com os muros da Villa de Ponte de Lima. No fim do cais desta Villa, e junto da Cappella de N. Senhora da Guia, que está no passeio publico della, e na estrada real de Vianna, na margem meridional do Lima se acha o sitio chamado vulgarmente o Buraco, onde estaõ levantados os marcos do dito Couto de Cornelham. Ora se naquellas remotas idades este Couto estivesse tam contiguo a huma povoação tam celebre, como a antiga Limia, conhecida em tempo dos Romanos com o nome de *Forum Limicorum*; ou se esta Limia estivesse nas ditas idades, onde hoje se vê Ponte de Lima, deixaria a dita doação de Ordonho de fallar em terra tam notavel, ficando mixta com a terra doada? A mim parece-me que não; porque observe em todas as doações daquelles tempos o nomearem-se as terras confinantes com os terrenos doados e demarcados; e na de Cornelham tal se não observa, como della podereis ver, e de algumas das suas expressões, que vou referir vos, não extrahidas da dita doação de D. Ordonho, que não nomêa os limites, pelos contemplar ja nomeados e demarcados de

tem-

(*) Prov. da Hist. Genealog. da Casa R. Port. tom. 3. pag. 463.

tempos mais antigos: *Damus in ripa Limiæ Villam, quam vocitant Cornelianam cum viculis & adjacentiis seu cunctis præstationibus, quidquid ad eandem Villam pertinere videtur per omnes suos terminos antiquos &c.* mas de huma carta do Rei D. Fernando, e sua mulher a Rainha D. Sancha expedida na era de 1069 (ou de 1099, como outros lem, que he o anno de Christo 1061) pela qual facultada ao Bispo Cresconio de Iria a povoação da dita Villa, e Couto de Cornelham, e na qual carta estaõ nomeados os lugares confinantes: *Facimus hanc scripturam firmatis de hominibus qui venerunt populare ad nostram Vileam quam vocitant Cornelianam ripa Limæ, quos Avus noster Rex Dominus Ordonius testavit Sancto Jacobo, ut stat ipsa Villa per terminos de Vulturio usque in focem de Cornila, & de rivulo locus que in montem Amior (outros lem de Vulturio usque in foce de Turuela, & de rivulo Limiæ in monte Annor &c.)* Nesta escritura vem nomeados Vulturio, ou Vulturino, o ribeiro Trovela, ou Cornila, e o monte Amior ou Annor, como lugares confinantes com o terreno do Couto de Cornelham. Vulturio, como ja declarou o P. Argote, (a) he Vitorinho, que depois se chamou das Donas, pelo Convento, que alli houve e que se trasladou para Braga, do qual fazem menção muitas Historias e Nobiliarios, e fica esta freguezia ao poente de Cornelham. Trovela diz o Mappa de Portugal (b) ser hum Rio, ou Ribeiro, que fertiliza os Coutos de Cornelham, e da Feitoza, pouco distante dos muros de Ponte de Lima: e Nahor, Annor, ou Amior, chamado hoje de Nó, he hum monte, que alli fica contiguo, e onde alguns querem, que estivesse algum tempo fundada a dita Villa de Ponte de Lima. (c) Ora se esta Villa fosse tam antiga, e famosa em tempo dos Romanos, que della fizessem menção as inscripções, Ptolomeo, e mais Historias, e Escrituras, que assima ficaõ referidas, deixariaõ as Doações de Ordonho, e de Fernando, que deixo citadas, de fallar nella, estando tam contigua a Cornelham, como he notorio, e ja mostrei? Principalmente quando

(a) Memor. de Brag. tom. 3. pag. 359.

(b) Map. de Portugal tom. 1. pag. 145.

(c) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. p. 320.

a Historia moderna affirma, que a Villa existio antigamente no lugar, em que hoje se vê a Cappella de N. Senhora da Guia, com a qual parte o Couto? Assentemos pois, que a *Limia* nomeada por Ptolomeo com o nome de *Forum Limicorum*, pelas inscripçoens Romanas descobertas em Ginzo com o nome de *Civitas Limicorum*, por Idacio com o nome de *Lemica*, e por todas as nossas Historias antigas tanto antes, como pouco depois de Portugal se erigir em Reino separado do de Leam e Castella, deve entenderse huma terra existente em o nascimento do Rio Lima no Bispado de Orense, como ajuizou o Senhor Raulim, e não a Villa de Ponte de Lima.

Lam. Eu não tenho empenho algum, em que se appropriem a Ponte de Lima glorias e antiguidades, que lhe não competirem. A verdade he unicamente quem sempre regerá os meus discursos. Oxalá que eu pudesse descobri-la sempre, como dezejo! Quero com tudo, Senhor D. Hugo, que façais reflexão em tudo, quanto vou a dizer-vos. Primeiramente haveis de confessar-me, que as tradiçõs historicas, quando não são destruidas por autoridades coetaneas dos successos, sobre que ellas versaõ, devem admittir-se por todos os varoens prudentes e sabios, a quem não governa a paixãõ, mas o amor do acerto; e vós bem sabeis, que todos os bons Escritores, que até agora escreveraõ de Geographia e Historia, sempre entenderaõ, e affirmaraõ, que onde hoje se vê a Villa de Ponte de Lima, ou nas suas vizinhanças foi, que antigamente esteve fundado o *Forum Limicorum* dos Romanos. Eu só quero citar aquelles, que são modernos, e que escreveraõ as suas obras com criterio, e com noticias claras da Historia e Geographia dos antigos, e se julgaõ munidos da sciencia Astronomica, e das suas auxiliares. Seja o primeiro Philippe Ferrari, que no Lexicon Geographico, que illustrou Miguel Antonio Baudrand diz o seguinte: *Forum Limicorum Puente di Lima, teste Floriano, & Ponte de Lima, oppidum Hispaniæ in finibus Bracarum, in regna Portugalie ad Limium fluvium, a Bracara urbe 4. leuceis in Boream distans.* Aqui se vê, que Ferrari seguiu a Floriaõ do Campo famoso Escriitor, e indagador das Antiguidades de Espanha. Mais adiante verbo *Limia* diz assim: *Li-*
mi

nia S. Estevaõ de Limia oppidum Hispaniæ Tarraconensis in regno Portugatico inter Bracaram 6. & Tidem 5. leucis. Aliis est Puente di Lima ad Limæum fluvium. Hinc Limici populi quorum oppidum Forum Limicorum Ptolomæo.
 O referido Baudrand illustrador de Ferrari (a quem o Senhor Raulin não arguirá de apaixonado, porque foi Francez de nação, curioso viageiro, e acreditado Geographo) se explica do seguinte modo: *Limia seu Forum Limicorum quibusdam oppidum Hispaniæ Tarraconensis in Callaëis Brachariis. Nunc est Puente di Lima oppidum Portugalliæ ad Limium fluvium 4. leucis a Bracara in Boream, & 5. leucis a Tude in Austrum, quanquam alii credant esse vicum S. Estevaon de Geraz de Lima 2. leucis distantem a priori & inter Bracaram & Viannam, LEVI TAMEN CONJECTURA.* Pelo testemunho destes dois Geographos se mostra, que no lugar, onde hoje se vê fundada a Villa de Ponte de Lima, existio antigamente o *Forum Limicorum* de Ptolomeo: e que supposto houve quem descobrisse, que o dito *Forum* estivera situado, onde hoje vemos o lugar de S. Estevaõ de Gerás duas legoas distante da dita villa, julga Baudrand, que semelhante opiniaõ se funda sómente em meras conjecturas. Vejamos agora as razoés, que vós tendes para vos persuadirdes, que o referido *Forum* esteve antigamente nas partes Orientais de Galliza no Bispado hoje de Orense, e territorio vizinho ao nascimento do Rio Lima. A mais forte, e que cuidio julgais inexpugnavel, he o descobrimento das duas Inscriptoões Romanas, feito pelo Abbade de Chamusinos, junto da Villa de Ginzo, onde está nomeada a cidade dos Limicos com o nome de *Civitas Limicorum*, entendendo, que foraõ postas pela dita cidade no proprio lugar da sua existencia, pelas razoés, que aponta o Mestre Flores, e que são tam convincentes na vossa opiniaõ, que vos obrigaõ a apartar-vos do sentimento universal, para despojardes a Ponte de Lima da posse, em que até agora esteve, e do nome Latino, que ha muitos annos goza de *Forum Limicorum*. Creio com tudo, que não tendes feito sobre este ponto todas as reflexoés, que o caso pede, e que depois de ouvirdes os meus fundamentos, não condemnareis tam depressa os bons Autores, que a Ponte de Lima dão o

nome Latino de *Forum Limicorum* (a). Primeiramente he de advertir, que a existencia daquellas duas inscripções; apontadas pelo Mestre Flores, naõ tem a seu favor mais que a simples asseveração do Abbade de Chamusinos, lugar do Bispado de Orense, pouco distante de Ginzo, o qual era empenhado por natureza e por interesse nas glorias do seu paiz, e por isso tambem era obrigado a munir o seu testemunho com toda a qualidade de provas, que requer o direito, e a critica em semelhantes descobrimentos. Nós naõ sabemos, se as ditas inscripções saõ legais, e do tempo dos Romanos, e sempre he justo, que para as conceituarmos, ou julgarmos, nos armemos do criterio e cautellas, que para semelhantes juizos tem descoberto os bons Autores, principalmente depois de lermos na Encyclopedia (b) ter havido no mundo muitos homens joviais, e travessos, que para zombarem dos antigualhistas inventaraõ, e fingiraõ muitas pedras e inscripções, que os ditos antigualhistas, sem algum criterio e exame, acreditaraõ, e fizeraõ passar por verdadeiras; sendo ellas na verdade suppostas, e falsas; que por isso disse Mr. de Carlenca (c), que com o soccorro da critica se tem reconhecido chimericas muitas inscripções, de que antes se naõ desconfiava. *Deux inscriptions (continua este Philologo) trouvées en Espagne & qui concernent l'Empereur Probe, & celle de Brague en Portugal sur l'Empereur Dece, qu'on lit dans Gruter, nullement soupçonnées d'erreur, sont aujourd'hui suspectes par leur contradiction avec les anciens Ecrivains.* O demasiado amor da patria move muitas vezes os homens a inventar, e a crer em extravagancias. Quem diria, que Grutero, hum Escritor tam versado no estudo das inscripções, chegou a ser enganado sobre ellas, e que adoptou por verdadeiras muitas certamente falsas; para o que Fulvio Ursini hum homem bem conhecido e sabio, contribuiu muito, como mostra a mesma Encyclopedia! Quanto mais, que bem podiaõ achar-se aquellas inscripções no termo da Villa de Ginzo em Galliza, e nomearem ambas ellas a *Civitas*

(a) Poyar. Dic. Lusit. de Nom. Propr. de Reg. Rein. &c. pag. 333, ed. de 1667. M. Silv. Pobl gen. de Esp. Descripç. de Port. Lim. Geogr. II, p. 20.

(b) Encycloped. verb. Inscription.

(c) Carlenc. Ess. sur les Bell. Letr. tom. 4. pag. 70.

Civitas Limicorum, e com tudo isto não ter estado a tal *Civitas* no lugar, em que as inscripções se acharão. Os que tem noticias de inscripções Romanas, e tem visto as muitas Collecções, que ha dellas, sabem, que se tem achado algumas de povoações, e de cidades em lugares muito distantes daquelles, em que as ditas povoações, e cidades existiraõ. Ha bem pouco tempo, que nesta nossa conversação se nomearaõ varias inscripções Romanas, em que estaõ declarados os nomes de muitas pessoas naturais de Limia, ou dos povos Limicos: e segundo as noticias dos seus descobrimentos sabemos, que ellas foraõ achadas em lugares muito remotos da dita Limia, e dos referidos povos: porque a de Lucio Pompeo Rufo Limico, e Calpurnio Vegeto, tambem Limico, foi achada em Antequera Cidade do Reino de Granada; a de Marco Flavio Sabino, tambem Limico, foi achada em Tarragona no Principado de Catalunha; a de Lucio Sulpicio Rufino, tambem Limico, foi achada em S. Joõ da Pesqueira villa vizinha do Rio Douro na Provincia da Beira, lugares todos bem distantes dos mencionados povos Limicos. Sendo muito de notar, que a inscripção de Antequera faz menção de Calpurnio Vegeto morto na idade de 17 annos, e em idade tam tenra era bem natural o presumir-se, que acabara a vida na sua patria, ou pouco distante della. Concedamos porèm de barato, que sejaõ verdadeiras as inscripções de Ginzo: que fossem achadas no mesmo lugar, em que se lavraraõ, e para quem se dedicaraõ, e que fosse o dito lugar chamado pelos Romanos *Civitas Limicorum*, como se diz que reza huma das inscripções, e como a conjectura do Mestre Flores faz rezar a outra. Com tudo isto eu creio, que se não prova concludentemente com tais inscripções, que alli existisse o *Forum Limicorum* de Ptolomeo. Digo, que se não prova por ellas a dita existencia, porque vejo em huma dellas expresso o nome *Civitas*, e este nome na sua origem, nos tempos da boa Latinidade, e naquelles, em que escreveraõ Cesar, Tito Livio, e Cornelio Tacito, Autores todos de hum grande merecimento entre os Latinos, não significava huma terra murada, e restricta, mas sim huma nação, huma Comarca, hum povo inteiro, ou huma Republica, cujos indivi-

dividuos se governavaõ por humas mesmas leis e costumes. Vós podereis ver em Samuel Pitisco, indagador sabio das opinioes, e antiguidades Romanas, as passagens, que elle copiou daquelles Autores, e que se achao resumidas nas suas seguintes palavras. *Civitas significationis origine non urbem notat, sed nationem, populumve integrum, aut cœtum hominum in societate viventium, iisdemque magistratibus, legibus ac juris conditione in eadem region: utentium. Idem ergo est civitas quod Respublica.* (a) Nelle mesmo achareis apontada a differença, que vai de *Civitas* a *Urbs*. Differença, que já em Portugal conhece- raõ, e deixaraõ declarada nos seus escritos o Doutor Joaõ de Barros, (b) e o P. Mestre Argote (c), os quais tam- bem citaraõ em abono das suas opinioens os melhores Es- critores Latinos, que pelo nome *Civitas* entenderaõ Pro- vincias, ou Republicas. Nestes termos a cidade dos Li- micos nomeada em huma daquellas inscripçoes de Ginzo, ou seja em ambas, como quer o Mestre Flores, naõ signi- fica outra coiza mais, que o territorio, Comarca, ou des- tricto, em que habitavaõ os povos Limicos, que nenhum homem prudente duvidará terem sido ambas as margens do nosso Rio Lima desde o seu nascimento até o seu oc- caso: e por essa razaõ a Limia, que hoje se chama de Gal- liza, era comprehendida na tal Republica, ou Comarca dos Limicos, e governava-se por leis commuas, e com- prehensivas a todos os habitantes da Ribeira, distingui- do-se todos no tempo dos Romanos com o nome *Limici*. O *Forum* porèm de Ptolomeo parece-me que o devemos julgar fundado no lugar, em que hoje está Ponte de Lima, ou nas suas vizinhanças, porque supposto aquelle Geogra- pho colloque o seu *Forum Limicorum* no sertam, mostra- se dos seus mappas, que naõ estava longe da Costa, o que convêm melhor a Ponte de Lima, que fica distante della sómente trez legoas, do que á Lima de Orense, que fica distante do mar vinte legoas. E se reflectirmos atten- tamente nas palavras, com que Ptolomeo começa a des- crever os Callaicos Bracaros, entre os quais estava o *For-*

(a) Pitisc. Lex. Antiquit. Roman. tom. 1. pag. 451.

(b) Barr. Antig. de Entr. Dour. e Minh. cap. 6. pag. 48.

(c) Argot. Mem. de Brag. tom. 1. pag. 204.

rum Limicorum conheceremos claramente, que a situação do tal *Forum* não era longe da costa: *Quæ vero ad mare protenduntur inter fluvios Minium & Durium tenent &c.* Nós sim sabemos, que a Limia de Galliza, ou de Orense está situada entre os Rios Douro e Minho, ainda que muito distante do primeiro, e muito contigua ao segundo; mas de nenhuma maneira podem competir a esta Limia as palavras *ad mare protenduntur* do Geographo, sendo notorio, que ella está muito distante do mar, e que por Limia maritima se deve sómente entender esta Ribeira, em que nos achamos. Tenho porém huma nova razão, para crer, que o *Forum* de Ptolomeo era lugar distincto da *Civitas Limicorum* das inscripções de Ginzo, e he, que as inscripções mostraõ, que foraõ feitas huma no anno de Christo 132, em tempo do Imperador Adriano, e outra no de 142, em tempo do Imperador Antonino Pio, e ambas daõ o nome *Civitas Limicorum* ao povo, que dedicou as memorias. Ora sendo certo, como já mostrou o Senhor Raulin, que Ptolomeo vivia no mesmo tempo de Adriano, e pelos annos de Christo 138, quero dizer, sendo Ptolomeo contemporaneo das inscripções, parece-me a mim, que estas não deixariaõ de tractar por *Forum* aquella terra, que Ptolomeo contemporaneo dellas, por tal nomeava, se a dita terra fosse a mesma, a quem as inscripções chamaõ *Civitas*, e não outra distincta.

D. Hug. E que differença me dais vós de *Civitas a Forum*?

Lam. Eu ja vos disse, o que no tempo da boa latini-
dade, e pelos bons Autores se entendia, e entende por *Civitas*.
Agora direi, o que os bons Escriitores da Historia Ro-
mana entenderaõ por *Forum*. Esta palavra entre elles não
sómente significava a Praça, em que se celebravaõ as as-
sembleas, ou ajuntamentos do povo; mas as em que se
faziaõ feiras, e mercados publicos; e tambem aquelles
lugares, em que se faziaõ audiencias, e em que litiga-
vaõ as partes: que por isso ainda hoje chamamos forenses
a todas as demandas, e causas do foro, e se deduzio da
palavra *Forum* o Foro Ecclesiastico, Secular, interno, e
externo. Sabemos, que havia em Roma muitas praças des-
tinadas para a venda das mercadorias, ás quais se dava
o no-

o nome de *Fora venalia*, e outras destinadas meramente para a administração da justiça chamadas *Fora civilia*, ou *judicialia*. Destas ultimas tambem sabemos, que foraõ magnificas, e muito espektaveis o *Forum Romanum*, o *Forum Julii Cæsaris*, o *Forum Augusti*, o *Forum Divi Nervæ*, o *Forum Trajani*. Sabemos finalmente, que os Romanos anciosos de gloria e celebridade, ao passo em que hiaõ conquistando as naçoës do mundo, estabaleciaõ nas Provincias do Imperio, e em todas as suas Conquistas varias das ditas Praças á imitação das de Roma sua patria; naõ só para perpetuarem por meio dellas a fama do seu nome, e dominio em todo o universo; mas para deixarem á posteridade monumentos do valor, e da fortuna, com que subjugavaõ os povos, e com que sobre elles conseguiaõ triunfos e victorias. Desta maneira tive-raõ principio muitas cidades, que no decurso dos seculos foraõ famosas em Italia, França, Hollanda, e outros paizes, como por exemplo, *Forum Julii* hoje Frejus, *Forum Livii* hoje Forli, *Forum Alleni* hoje Ferrara &c. o que bem se dá a entender daquelles versos de Prudencio, quando fallando do Foro Cornelio edificado por Cornelio Sylla disse:

*Sylla Forum statuit Cornelius, hic Itali Urbem
Vocitant ab ipso conditoris nomine.*

E Samuel Pitisco tractando dos dois Foros, que Cesar edificou em França, nos pintou elegantemente as causas de semelhantes fundações nas seguintes palavras (a): *Cæsar autem duobus in extremis provincie suæ finibus duo fora videtur constituisse, unum in ulteriore Gallia, alterum in Citeriore. Cur autem ipse, vel ceteri Romani factitarint, equidem honestam quandam laudis & glorie cupiditatem mihi video afferri posse, qua præter ceteras gentes populus Romanus semper flagravit. Ut qui armis atque assidua bellorum contentione gentes omnes devicerant, iidem in terris non solum nobilissima victoriæ monumenta posteris proderent, sed suo etiam, per quos egregii aliquid gestum esset, nomine*

liben-

(a) Pitisc. Lex. Antiq. Rom. tom. 2. pag. 189.

libenter ad æternitatem ornarent. Ora sendo isto notorio, e constante da Historia Romana; tambem pela mesma Historia nos constaõ as expedições de Decimo Junio Bruto na Lusitania e Galliza, e principalmente nesta Provincia de Entre Douro e Minho, e nesta mesma Ribeira, em que nos achamos; pois que os Escretores Romanos, quando as descrevem, deixaõ sem duvida alguma estabelecido nos seus escritos, que as ditas expedições foraõ naquella parte da Ribeira Lima confinante com o mar, e naõ fazem menção daquella parte, onde o rio nasce, e quando apenas he rio. Mas permitta-se-me, que eu examine as Historias Romanas naquella parte, em que tractaõ da expedição de Bruto. Pela inscripção copiada das Tabulas Capitolinas, que cita Grevio (a), e tambem Pitisco, (b) consta, que Bruto em premio e honra da dita expedição, ou por causa della, fora remunerado pelo Senado Romano depois de ser Consul, e quando era Proconsul, no anno 617 da fundação de Roma, que corresponde ao anno 137 antes do nascimento de Christo, o que faz certo, que a dita expedição foi anterior ao dito anno. A copia della he esta:

D. IUNIUS

M. F M. N. BRUTUS

CALLAICUS. PRO. COS.

AN. DCXVII

DE LUSITANEIS. ET

CALLAICEIS. EX

HISP. ULTERIORE

Por esta inscripção alcançamos, que as conquistas, que fez Bruto em Galliza, foraõ tam bem aceitas, e aplaudidas

Q

(a) Grev. Thesaur. Antiq. Roman. tom. 10. col. 231. e 232.

(b) Pitisc. Lexic. Antiq. Rom. tom. 1. pag. 298.

das em Roma, que lhe grangearaõ o appellido de Cal-laico: o que tambem disse Velleio Paterculo (a) naquelas palavras: *Ingenti vi hominum, urbiumque e potitus numero, aditis quæ vix audita erant, Gallæci cognomen meruit.* Disse, que a conquista de Galliza, ou desta Provincia, que era a parte principal della, realçou muito a Bruto: e accrescento agora, que por huma das particularidades mais gloriosas della foi sempre tida a passagem deste Rio Lima pelo horror, com que as tropas Romanas a consideravaõ, como lêmos em Floro: *formidatumque militibus flumen oblivionis.* De sorte que a dita passagem, e o vencimento dos povos, que habitavaõ as margens do rio, foi huma circumstancia muito attendivel e consideravel, para que Bruto fosse em Roma laureado, e para que os Escriitores Romanos elogiassem, e decantassem a sua expediçaõ. Vejamos agora, se a dita expediçaõ, ou conquista foi naquella parte, em que o Rio Lima nasce, quero dizer, na parte Oriental de Galliza, e Bispado hoje de Orense, ou naquella, em que o mesmo rio se mette no Oceano, quero dizer, nesta Ribeira, em que nos achamos, vizinha a Ponte de Lima? Mas quem nos deve soltar a duvida, se naõ os Escriitores Romanos? Seja o primeiro Tito Livio (b), que diz assim: *D. Junius Lusitaniam triginta urbium expugnationibus usque ad occasum & Oceanum perdomuit, & cum fluvium Oblivionem transire nolent milites, erepto signifero signum ipse transtulit, & sic, ut transgrederentur, persuasit.* Aqui nos conta Livio, que Bruto conquistou a Lusitania, e nella trinta cidades, e tudo quanto encontrou até o mar Oceano; e como succedesse, que os seus soldados repugnassem a passagem do Rio do Esquecimento (o Lima) arrancara elle a bandeira das maõs ao Alferes, e fez, que a sua passagem servisse de exemplo, e de estímulo aos ditos soldados, que persuadidos do mesmo exemplo o passaraõ: donde vemos, que Bruto, vencida a Lusitania, que terminava no Rio Douro, e penetrando até a costa do mar tentara, e concluire a passagem do Rio Lima. Ora que esta passagem havia de ser nesta parte da Ribeira, em que nos achamos, vizinha

ao

(a) Vellej. lib. 2. cap. 5.

(b) Tit. Liv. Epit. lib. 55.

ao Oceano, onde o rio he notavel e caudaloso, e naõ na Limia de Orense, tam distante da costa, e onde o mesmo rio merece mais o nome de regato, que de rio, parece-me a mim, que naõ poderá negar-se por quem tiver hum mediano conhecimento da Historia, e da Geographia, e por quem depois de ler com attençaõ a Livio, consultar o que sobre tal successo escreveu Lucio Floro, (a) outro famoso Escriitor Romano, que diz assim: „Deci- „ mo Bruto conquistou alguma coiza mais (que Lucul- „ lo) aos Celticos, e Lusitanos, e a todos os povos „ de Galliza, e ao Rio do Esquecimento (o Lima) „ temido pelos seus soldados: e penetrando vence- „ dor á costa do Oceano, naõ retirou as suas bande- „ ras, até que, naõ sem horror, e certo medo de sa- „ crilegio, vio ao Sol, que cahia nos mares, e que „ apagava o seu fogo nas agoas (b): *D. Brutus* (diz „ Floro) *aliquanto latius Celticos, Lusitanosque, & omncis Gallæciæ populos, formidatumque militibus flumen oblivio- nis: peragratoque victor Oceani littore, non prius signa convertit, quam cadentem in maria solem, obrutumque aquis ignem, non sine quodam sacrilegii metu, & horrore deprehen- dit.* E que mar suspenderia a Bruto, passando elle o Lima junto do seu nascimento em Orense? Naõ sabemos nós todos, que do Oceano a Orense ha muitas legoas de distancia? Naõ sabemos, que o mar, que vio, e horrozou Bruto, naõ podia ser o que fica álem do Rio Minho; porque este rio, como deixou escrito Strabaõ, (b) foi o termo da expediçaõ de Bruto? *Hic est finis expeditionis Bruti?* Pois se Bruto naõ passou o Minho, que mar tinha elle, que o espantasse depois da passagem do Rio Lima, se naõ aquelle, que está vizinho da sua fõs junto a Vianna, distante trez legoas sómente de Ponte de Lima? Se comtudo, Senhor D. Hugo, naõ tiverem bastado as duas autoridades, que deixo citadas de Livio e de Floro, para vos persuadir, que Bruto passou esta Ribeira nestas partes, em que nos achamos, e naõ lá no seu nascimento no Bispado de Orense, quero produzir huma ter-

Q 2

ceira

(a) Flor. Epit. lib. 2. cap. 17.

(b) Strab. lib. 3. pag. 153.

ceira autoridade, que he a de Appiano (a). Refere este Autor o theatro das guerras de Bruto, e affirma, que este Capitaõ Romano se alargou todo aquelle espaço de terreno, que abraçaõ os Rios Tejo, Lethes, Douro, e Benis, em quanto rios navegaveis: *Quantum Tagus, Lethes, Durius, & Bætis* (deve lêr-se *Bænis*) *amnes navigabiles complectuntur*. Ora sabendo-se, que o Rio Lima nunca se conheceo navegavel desde a Villa da Barca para cima, que fica seis legoas distante da sua fõs, e que sómente se navega até S. Payo de Jolda, pouco mais affirma de Ponte de Lima, quem dirá, que Bruto passou este rio lá no seu nascimento no Bispado de Orense, distante do mar vinte legoas, e onde os barcos saõ penhas? Assentando pois, que Bruto passou o Rio Lima junto da sua fõs, e perto da Villa de Ponte de Lima, e sabendo nós, que esta passagem lhe deo nome, e brado no mundo, não será nenhum sacrilegio o julgarmos, que Bruto, ou algum dos seus immediatos successores, em contemplaçãõ da mesma passagem, e da conquista da Provincia de Entre Douro e Minho, que no seu tempo era a verdadeira Gallecia, como provaõ Autores cheios de erudiçãõ, e de juizo critico, quizesse deixar hum *Forum*, ou huma Praça, que lhe acreditasse a expediçãõ, que lhe assegurasse a conquista, e que lhe dirigisse os contornos, e esta Praça necessariamente havia de existir nesta parte, em que foi a sua passagem; onde os montes, e os valles estaõ cheios de vestigios de fabricas, e fortificaçoës antigas; nesta parte, que he o centro da Provincia, onde em todos os tempos se encontraraõ muitas columnas, inscripçoës, e moedas Romanas; e onde a tradiçãõ constante considerou sempre existente o *Forum Limicorum*, que quer dizer, Praça dos Limicos, destinada pelos Romanos ou fosse para hum mercado, ou feira publica, a que concorressem os generos das circunferencias; ou fosse para o assento de huma audiencia, onde se administrasse justiça, e a cuja sombra se estabelecessem as familias Romanas, que das inscripçoës, e dos livros consta, que existiraõ por toda esta Ribeira, e as quais, prezando o seu estabelecimento, e apra-

zível

(a) Appian. pag. 292.

zível morada, em que se perpetuavaõ, quizerãõ dinstinguir-se com o nome de Limicos. Saõ muitas, como já disse, as inscripções, que se encontraõ nos Antiquarios de boa nota, achadas em varios, e differentes lugares, das quais se mostra, que os naturais desta Ribeira se prezavaõ, e eraõ conhecidos no mundo pelo nome de Limicos. Citarei sómente as mais famosas. Grutero (a) cita a seguinte, posta a M. Flavio Sabino, filho de Marco da Tribu Quirina, que foi natural de Limia, capital da Gente Limica, o qual chegou a ser Flamen Sacerdote ou Pontifice da Provincia Tarraconense, e por isso se lhe pôz em Tarragona esta memoria:

P. H. C
 M. FLAVIO. M. F
 QUIR. SABINO
 LIMICO. II VIR
 SACERDOTI
 CONVENT
 BRACARI
 FLAMINI

A seguinte, achada na Cidade de Antequera na Andaluza, foi dedicada a Lucio Pompeo Rufo, natural dos Póvos Limicos, falecido na idade de 30 annos, e a Calpurnio Vegeto, natural dos mesmos Póvos Limicos, falecido na idade de dezeseis annos:

L.

(a) Gruter. pag. CCCCXI. 9. Flor. Esp. Sagr. tom. 24. Trat. 62. cap. 17
 pag. 169.

L. POMPEUS

RUFUS. LIMI

AN XXX H. S. E. S. T. T. L.

CALPURNIUS. VEGETUS

LIMICUS. AN XVI

H. S. E. S. T. T. L.

A seguinte, que se acha em hum cippo na Capella do Salvador do Mundo, junto á Villa de S. Joã da Pesqueira, he huma sepultura, que Lucio Sulpicio Rufino Limico fez para si, e para os seus escravos forros, Cila, Rufino, e Rufina, os quais tambem concorreraõ para a obra:

L. SULP. RUFINO

VS LIMICoS SIBI ÈT

SUL. CILEAE. SUL RUF

SUL. RUFINAE ABIIS F

E finalmente a que se segue, e se achava em hum cippo de Cambella, que foi levado para Friaens, como declara o P. Argote (a), foi posta a Camalo Mibois Limico, que faleceo de idade de quarenta e seis annos:

CAMALUS

MIBOIS LIM

IUS SLIVAIR

H S IVL

Disse

(a) Argot. de Antiq. Conv. Bracar. cap. 12. pag. 259, e 266.

Disse ha pouco , que estaõ os montes destas vizinhanças cheios de vestigios de fabricas antigas , porque no monte de S. Miguel desta mesma freguezia de S. Mariinha , em que nos achamos , estaõ os que seraõ declarados , quando tractarmos della. Da parte da Villa se tem tambem encontrado os ditos vestigios , como até lêmos na *Corographia Portugueza* (a) , cujo Autor nos informa delles assim : *Abaixo de N. Senhora da Guia está hum monte , que chamaõ dos medos , com vestigio de fortificaçãõ , e mais adiante se vêm ruinas de hum Forte , que o foi em tempo dos Romanos.* O mesmo Autor (b) , e o douto P. Argote (c) descrevendo o monte da Nô , que os antigos chamaõ Nahor , Maior , ou Annor , fazem mençaõ de outras ruinas , dizendo o primeiro : *No alto da Nor tem ruinas de cidade , e na outra parte , onde chamaõ o Castello , vestigios de que o foi.* De sorte que se as ruinas provaõ em todos os tempos a existencia das povoaçoës , que antigamente houve nos lugares dellas , e havendo tantas nos lugares vizinhos a Ponte de Lima ; porque naõ ajuizaremos nós , que no sitio de algumas dellas existiria o *Forum Limicorum* ? Disse tambem , que nesta Provincia , e por todo este territorio se tem encontrado muitas moedas Romanas , porque o testeficaõ assim todos os nossos Escriitores de boa fé , e principalmente o citado Argote (d) , que diz acharem-se quotidianamente , e em muito grande copia as ditas moedas. „ Eu quando estive „ em Braga (diz elle) tive a noticia desta grande quan- „ tidade de moedas Romanas , que por todo aquelle „ Arcebispado continuamente se achavaõ , e comprei „ algumas de oiro &c. Certamente (continúa) causa „ admiraçãõ , que havendo mil e trezentos annos , que „ os Romanos perderaõ inteiramente o senhorio destas „ Provincias , se esteja achando nellas tanta riqueza es- „ condida , que certamente se enterrou , e occultou na- „ quelles tempos. „ Finalmente , que toda esta mesma Provincia ficasse coalhada de inscripçoës Romanas se mostra

(a) Carvalh. Cor. Port. tom. 1. pag. 197.

(b) Corogr. Port. tom 1. pag. 268.

(c) Mem. de Brag. tom. 1. p. 320.

(d) Argot. Mem. de Brag. Suppl. ao lib. 4. tom. 3. in princ. p. LVIII.

tra das muitas, que ainda nella existem, e citaõ os nossos Escriitores, e os estranhos, principalmente o referido Mestre Argote, que copia os letreiros de huma boa parte dellas.

D. Hug. Mas em nenhuma das ditas inscripções se faz menção do *Forum Limicorum* com a clareza, com que as de Ginzo em Galliza a fazem da *Civitas Limicorum*.

Lam. Vós bem sabeis, que os nossos antepassados foram muito pouco curiosos em descobrir, e conservar semelhantes monumentos, e que só apparecerão alguns em Portugal, depois que o nosso Monarca, o Senhor D. João V, pela sua lei de 14 de Agosto de 1721, que cita a Historia da Academia Real Portugueza, (a) prohibio, que no seu Reino se destruíssem os cippos, e mais obras de antiguidade. O tempo arruinador fatal de semelhantes obras, foi o primeiro, que contribuiu para se não conservarem pedras, ou monumentos, que nos dessem luz sobre o *Forum Limicorum*. Sabemos com tudo pelas inscripções, que ainda existem, que varios Imperadores Romanos se esmeravaõ em reedificar as estradas e as pontes, que achavaõ arruinadas por esta Provincia, e como a de Ponte de Lima teve principio em tempo dos mesmos Romanos, como attesta a constante tradição, e varios Autores, seria a dita ponte huma das que receberão da liberalidade imperial semelhante beneficio: o que se colhe de huma das inscripções, que se achão na freguezia de Bertandos aqui vizinha, de que a seu tempo hevemos de tractar, a qual faz menção das ditas pontes, prova ao meu parecer, de que a inscripção foi posta na vizinhança de alguma dellas, e era a desta villa indispensavel para o transito das milicias Romanas, que por ella haviaõ de passar, por ser por aqui huma das suas vias militares. Finalmente se nós examinamos attentamente huma das inscripções, que cita o P. Argote, (b) achada na freguezia de Cornelhá, e no sitio mesmo, em que o P. Carvalho dá existentes os vestigios de fortificação Romana, achamos alguns indicios da terra, sobre que questionamos, pois em huma das regras se lêem ainda as letras seguintes *IMIA*,
letras

(a) Hist. da Acad. Port. pag. 312.

(b) Mem. de Braga tom. 2. pag. 619.

letras, que dão bastantes inferencias ou do *Forum Limia*, ou de algum nome a elle semelhante, posto que a falta das restantes letras não deixe conhecer perfeitamente o contexto de toda a inscripção.

D. Hug. De inferencias, Senhor Lami, não devem fiar-se nunca os bons Historiadores. Mas que me respondereis vós ao argumento, com que eu difficultei a existencia desta villa no tempo de Ordonho II, visto que este Rei na doação de Cornelhá a Santiago não falla de povoação notavel no sitio della, como naturalmente fallaria, se aqui tivesse existido o *Forum*, ou ao menos huma terra, que da sua ruina resultasse?

Lam. A Historia basta, Senhor D. Hugo, para responder á vossa duvida, pois que pela Romana, e pela dos Suevos, Mouros, e mais nações barbaras consta, que estas terras foraõ destruidas innumeraveis vezes. Se o *Forum Limicorum* foi fundado em tempo de Bruto, como me parece crível, devemos considerallo existente mais de 130 annos antes do nascimento de Christo. Desde aquelle tempo até o de Ptolomeo, que faz menção do dito *Forum*, decorrerãõ 260 annos pouco mais ou menos; e entãõ ainda o *Forum* era notavel, e o foi até o tempo, em que se escreveo o Itinerario chamado de Antonino, que falla da terra com o nome de *Limia*. Eu bem sei, que alguns Escriutores arguirãõ a fé, e antiguidade deste Itinerario, persuadindo-o fabricado por Joãõ Annio de Viterbo da mesma maneira, que se lhe imputãõ as falsificações de varios Autores antigos, como v. gr. Beroso, Manethon, Megasthenes, Philon &c. e podemos ajuntar, que o Arcebispo de Tarragona D. Antonio Agostinho (a), e o celebre Critico, e Viageiro Mr. Spon, para arguirem a boa fé de Annio, referem, que elle mandava esculpir em marmore varias inscripções Gregas, e Latinas, enterrando-as depois na terra, para que descobrindo-se passados annos, se contemplassem, como monumentos deixados pela antiguidade. Com tudo isto deveis reflectir, pelo que pertence ao Itinerario, que os melhores Criticos de Espanha attestãõ a sua autenticidade. O P. Larramendi no seu Discurso

R

curso

(a) Dialog. 10. das Medalh.

curso historico sobre a antiga Cantabria diz: *Que el Autor del Itinerario fue alguno, que el Emperador Antonino señaló por si o por otros, para disponer mas commodamente los viages de la soldadesca Romana.* Os Autores do Diario de los *Litteratos de España*, de cuja sciencia, e criterio se não póde duvidar sem injustiça, dizem sobre a opiniaõ de Larramendi o seguinte (a): *El Autor fixo (del Itinerario) se ignora; pero todos convienem, en que se empezó a formar por Julio Cezar, le continuó Octaviano, y añadiendo noticias de los Archivos publicos, le dió publica authóridad uno de los Emperadores Antoninos, y le perfeccionó Theodosio el Maior. Por lo qual Felix Maleolo le llama Itinerario de la Ciudad de Roma, y Cuspiniano le pronuncia antiquissimo. En quanto a su Autor dice Andres Escoto = de su Autor no se coza cierta; solo puedo assegurar, que este Itinerario está escrito por algun Erudito Geometra peritissimo en la topographia de los pueblos = Vease la Tabla Geographica de Peutinger, y sobre todo los dos tomos preciosos intitutados = Historia de los grandes caminos del Imperio Romano, su Autor Nicolás Bergier, impressa en Bruselas año 1728, en los quales se pondera y manifesta la authóridad gravissima de este Itinerario, y la publica solitud y gasto, con que fue formado.* Consultemos porèm o juizo, que fórma de semelhante Itinerario huma obra, que he em França famosa, quero dizer, a Encyclopedia. „ O „ Itinerario de Antonino (dizem os seus Autores) „ mostra todos os caminhos ou estradas Romanas den- „ tro dos limites do Imperio, e todas as estaçoës, ou „ alojamentos dos Exercitos Romanos; e foi feito por „ ordem do Imperador Antonino o Pio, não obstante „ que tenha muitos defeitos occasionados dos erros da- „ quelles, que o copiaraõ. „ Nem elle era possivel, que hum homem particular podesse nomear, e graduar tantas terras de tantos, e taõ grandes Reinos, e paizes do mundo com as noticias e conhecimentos, que se mostraõ do Itinerario, sem que tivesse ao menos os mappas, que das suas vias militares compozeraõ os Romanos. Além de que ha provas innegaveis, de que o Itinerario de Antonino he obra mui-

(a) D.ar. de los Litterat. de Esp. tom. 2. Art. 1. pag. 16.

to mais antiga , que o Annio de Viterbo. Nas viagens, que fez Ambrosio de Morales em 1572 por ordem do Rei Philippe II, para examinar as reliquias, e manuscritos existentes nas Igrejas, e archivos de Espanha, consta (pag. 93) que achou em Oviedo hum destes Itinerarios com outros livros, que julga tam antigos, que os faz vindos de Toledo, quando pela entrada dos Mouros naquella cidade no 8.º seculo fugiraõ della os Christaõs. Mas eu quero, como alguns entenderaõ, admittir, que o Autor do dito Itinerario foi o Philosopho, Ethico Istrio, que floreceo no quarto seculo. Isto me basta para lembrar, que até pouco antes da irrupçaõ dos Suevos em Espanha havia noticias do *Forum* com o nome de *Limia*, e que esta *Limia* foi contemplada pelo mesmo Itinerario existente naquelle lugar, em que hoje se vê a Villa de Ponte de Lima, ou nas suas vizinhanças, quando alli se tracta da via militar, que hia de Braga a Astorga pelo seguinte modo :

A BRACARA ASTURICAM

LIMIA M. P. XIX

TUDE XXVIII.

Descripçaõ, que bem mostra a existencia da nossa *Limia*, ou Ponte de Lima no tempo, em que foi escrito o Itinerario de Antonino antes do quinto seculo; e que a *Limia*, e *Tui* estaõ collocadas naquella obra nos mesmos sitios, em que hoje as conhecemos. Desde o tempo do Itinerario em diante nem *Forum Limicorum*, nem *Limia* apparece mais na Historia; nem verdadeiramente podia apparecer; porque estas terras, depois da invasaõ dos tais Suevos, e mais Barbaros no principio do quinto seculo, experimentaraõ as calamidades, que conta o Bispo Idacio em varios lugares do seu Chronicon. O ferro dos ditos Barbaros foi o primeiro açoute desta nossa Provincia, e de toda a Espanha: *Barbari, qui Hispanias ingressi fuerant, cæde deprædantur hostili.* A fome, e a peste augmentaraõ os estragos: *De bacchantibus per Hispanias Barbaris & sevientem nihilominus pesti-*

pestilentiae malo, opes & conditam in urbibus substantiam tyranicus exactor diripit, & miles exhaurit: fames dira grassatur, adeo ut humanae carnes ab humano genere vi famis fuerint devoratae: matres quoque necatis vel coctis per se natorum suorum sint pastae corporibus &c. e a desgraçada Galliza (de que esta Provincia fazia entaõ huma principalissima parte) pelas continuas crueldades , latrocinios , e traçoês dos ditos Barbaros , póde dizer-le , que naõ ficou com pedra sobre pedra : *Suevi promissionum suarum ut semper fallaces & perfidi diversa loca infelicis Gallæciæ solito deprædantur.* (a) Braga foi vil , e ignominiosamente tractada , e todas as mais terras podiaõ com verdade dizer de si , como Astorga : *Residuis & vacuis civitatis domibus datis incendio , camporum loca vastantur.* Se porèm os Suevos , e mais naçoês Barbaras tractaraõ tam cruelmente a Provincia , que fizeraõ os Mouros , e os Normanos ? Os Mouros em varios tempos assolaraõ tanto este territorio , e a Espanha toda , que o Monge de Silos , pintando as crueldades , que elles practicaraõ ao tempo da sua invasaõ no anno de 732 , disse elegantemente : *Post hæc Mauri , viribus nullis obstantibus , totam Hispaniam ferro , flamma & fame attritam suo dominio mancipaverunt. Quid enim illis officeret , qui publico bello omnem Hispaniarum multitudinem triumphali potentia devicerant ? Qui nimirum quantas cedes , quantasve horrifero ense Christianorum strages fecerint , depopulatae Provinciae , subversa Civitatum mœnia , destructæ Ecclesie , in loco quarum Mahometis nomen colitur , abunde & super testimonium perhibent.* Em todõs os seguintes annos naõ se ouviraõ em toda a Espanha mais , que os gritos dos infelices moradores , que eraõ sacrificados ao furor , ambiçaõ , e crueldade das varias , e indomitas naçoês , que a invadiraõ. Os Christaõs eraõ perseguidos , e sacrificados com ignominiosa tirannia ; e as covas , que a natureza fabricara para habitaçaõ dos brutos , eraõ o refugio dos homens. Eu naõ ignoro , que muitos Escritores affirmaõ , que nem Galliza , nem esta Provincia (que era parte della) foraõ to-

(a) Idac. ad Ann. 463.

talmente possuidas pelos Mouros. (a) Mas por isso mesmo que invadiaõ o que se lhes difficultava, eraõ os estragos mais certos: porque aquillo, que naõ he proprio, se destroe mais facilmente pelos animos furiosos. Principalmente no anno de 997 foi assolado todo este territorio, quando Almanfor, entrando por este paiz occidental de Espanha, *camino* como diz Gandara (b) Chronista mór de Galliza, *con su acostumbrada fiereza destruyendo, aniquilando y desasiendo todas las ciudades y pueblos de estas regiones, tomando a Coimbra, Vizeo, Braga y otras poblaciones, apoderóse de la ciudad de Tuy y llegó a Santiago &c.* noticia, que lhe subministrou hum Autor quasi coetaneo, o Monge de Silos, que referindo a entrada de Almanfor affirma, que destruiu Cidades, e Castellos, arrazara Igrejas, casas, e Mosteiros, e despovoara tudo: *Devastavit quidem Civitates, Castella, omnemque terram depopulavit, usquequo pervenit ad partes occidentalis Hispaniæ & Gallæciæ civitatem &c. . . Ecclesias, Monasteria, Palatia fregit, utque igne cremavit.* (c) O que pouco antes de Almanfor, e no reinado de Ramiro III, tinhaõ feito os Normanos, como especifica o mesmo Silense: *Anno II regni sui (falla de Ramiro) C. classes Normanorum cum Rege suo nomine Gunderedo ingressæ sunt urbes Gallæciæ, & strages multas facientes in Gyro Sancti Jacobi: Episcopum loci illius gladio peremerunt nomine Sisenandum, ac totam Gallæciam deprædaverunt, usquequo pervenerunt ad Pyreneos montes Ezebraii.* (d) Todas estas terras de Entre Lima e Minho foraõ saqueadas, e destruidas pelos ditos Normanos: (e) e diz a Historia dos Godos (f), que chegarã estes Barbaros ao Castello de Vermoim no territorio de Barcellos: *Venerunt Lormanes ad Castellum Vermudii, quod est in Provincia Bracharensi*, e o Bispo de Tuy D. Fr. Prudencio de Sandoval (g) diz, que esteve aquella

(a) Argot. Mem. de Brag. t. 4. pag. 472.

(b) Gandar. Arm. y Triunf. de Galiz. lib. 2. cap. 8. pag. 160.

(c) Berganz. Antig. de Esp. tom. 2. App. sec. 2. n. 68.

(d) Id. loc. cit. pag. 538.

(e) Mem. de Brag. tom. 4. pag. 484.

(f) Chron. Gothor. in Monarch. Lusit. tom. 3. pag. 271.

(g) Sandoval. Iglef. de Tuy pag. 49. vers.

cidade 1460 annos deserta, o que naturalmente succederia a todas as terras confinantes. Ora sendo tantos os estragos feitos em toda esta Provincia, como escaparia delles huma povoação construida pelos Romanos para gloria e perpetuidade do seu nome? Consentiriaõ os Godos, os Suevos, e os Mouros, inimigos implacaveis do Imperio de Roma, que se conservasse o *Forum*, que ou Bruto, ou algum dos seus successores no governo destas Provincias tinhaõ estabelecido e baptizado? E quereis vós, que tantos annos depois no reinado de Ordonho em 915 houvesse vestigios do mesmo *Forum*? Quanto mais, que vós já declarastes, que na doação de Ordonho se não nomeaõ os limites do Couto de Cornelhá; mas sim, e tam sómente na do Rei Fernando em 1061, e a este tempo já a Provincia tinha supportado a destruição do anno de 997, que acabei de referir: e como nella pereceraõ Cidades, Castellos, Casas, e Mosteiros, não he muito, que a Praça dos Limicos fosse totalmente arruinada. O certo he, que o Itinerario de Antonino, escrito antes do quinto seculo, nomea huma *Limia*, e a *Limia*, que elle nomea, pelo sitio, em que a colloca, mostra ser a Villa de Ponte de Lima.

D. Hug. Mas que certeza, ou noticia temos nós hoje da destruição dessa Praça? Assim como os Chronicoens de Sampiro, do Silense, e todos os outros fallaõ da destruição das terras, que nomeaõ, não fallariaõ do *Forum Limicorum*, se elle por qualquer causa fosse destruido? Que antiga Historia de Portugal, ou de Espanha falla do tal *Forum*, depois de Ptolomeo?

Lam. Vós deveis advertir, que o nosso Reino, como lamenta o Autor da Historia da Academia Real da Historia Portugueza (a), não mereceo Historiador algum dos seus successos, depois que se erigio em Monarchia, até o seculo decimoquarto de Christo, em que escreveu o Conde D. Pedro o seu livro de familias, que se tem pela mais antiga Historia do Reino. Os nossos antepassados, como já vos disse, foraõ mais inclinados a obrar acçoës grandes, que a escrevellas; e algumas Chronicas, que temos, saõ tam modernas, e taõ diminutas, que por ellas parece fallaraõ os Encyclo-

(a) Prolog. da Hist. de Ac. Port.

cyclopedistas, quando disseraõ, que os homens inteligentes, que sabem rejeitar o falso, e desembrulhar o suspeito, tiraõ das ditas Chronicas muito poucas noticias. Dizeis, que naõ se faz crível a destruiçaõ do nosso *Forum*, faltando nos Chronicoens de Sampiro, Silense e outros o nome, e a noticia da destruiçaõ delle, ao mesmo tempo que consta declararaõ as de outras cidades. Mas vós deveis advertir, que os ditos Chronicoens saõ diminutos, e faltos na relaçaõ de muitos e graves successos. Elles sómente se lembraõ das terras capitais, e até dessas tractaõ de maneira, que he necessario, que o nosso juizo supra a sua omissaõ. Muitas coizas sabemos hoje por instrumentos, que se naõ sabiaõ por tais historias, e naõ he muito, que ellas se naõ lembrassem do nosso *Forum*. Mas emfim, fosse o *Forum Limicorum* fundado nas terras, em que o Lima nasce, ou naquellas, em que vai acabar no Oceano, o certo he, que toda esta Ribeira, desde o seu nascimento até o seu occaso, foi sempre decantada, e nomeada pelos mais famosos Escriitores da Antiguidade, e os habitadores della foraõ distinguidos com o nome de Limicos. Se estes Limicos porèm eraõ descendentes dos primitivos fundadores de Espanha, se dos Gregos, ou outra naçaõ estrangeira, he o que naõ poderei eu dicidir com certeza. O Senhor Raulin já nos fez ver o pouco, que podemos fiar-nos de Ptolomeo, e dos mais Geographos antigos. Direi com tudo, que Pomponio Mela (a) declarou, que desde a Fõs do Douro até a inclinaçaõ, que faz a costa do mar, habitavaõ os Póvos Gravios, e que por entre os tais póvos corriaõ os Rios Avo, Cavado, Neiva, Minho, e Lima: *A Durio ad flexum Gravii, fluntque per eos Avo, Celadus, Næbis & Minus, &c, cui oblivionis cognomen est, Limia*. Sabemos tambem, que Silio Italico deixou escrito, que os Limicos eraõ Gravios: (b)

*Quique super Gravios lucentes volvit arenas
Infernæ populis referens oblivia Lethes.*

E correndo o Lima pelos Gravios, e habitando os ditos

(a) Pompon. Mel. lib. 3. cap. 1.

(b) Sil. Ital. lib. 1. v. 235.

tos Gravios toda esta Ribeira Lima, podemos sem grande escrupulo afirmar, que os Limicos procederaõ dos Gregos; pois que os tais Gravios deduziraõ este nome dos Graios, povos da Grecia, que povoaraõ huma, e outra margem do Minho, e por consequencia a costa, em que o Lima fenece. Que os Gravios deduziraõ o seu nome de Graios disse o mesmo Silio (a), e acrescenta, que foi por corrupçãõ do dito nome:

*Et quos nunc Gravios, violato nomine Grajum,
Oeneæ misere domus Aetolaque Tyde.*

E que os tais Graios foraõ naturais de Grecia, e companheiros de Teucro na expediçãõ de Troia, declarou Asclepiades Myrleano, como advertio Strabaõ (b): *Apud Callaicos autem consedisse quosdam, qui Teucrum in bellum fuerunt sequuti &c.* e antes de Strabaõ tinha dito Trogo Pompeo (c), que os povos de Galliza (que, como já disse, naquelles tempos comprehendia esta Provincia) se jactavaõ, de que procediaõ dos Gregos: *Gallæci Græcam sibi originem asserunt.* O que Plinio (d) declarou melhor, quando escreveo, que os Helenios, os Grovios, ou Gravios, e a Cidade de Tuy descendiaõ todos de Gregos: *A Cilenis conventus Bracharum, Helleni, Gravii, Castellum Tyde, Græcorum soboles omnia.* E talvez que esta descendencia movesse a S. Isidoro, (e) para que dissesse, que por causa de huma tal origem resultava, que os povos destes contornos fossem todos dotados de grande engenho: *Gallæci græcam sibi originem asserunt: unde & naturali ingenio callent.*

D. Hug. Eu não duvido, Senhor Lami, de todas estas noticias, que produzistes, porque na verdade ellas se achaõ assim escritas nos Autores, que citastes; mas devo com tudo advertir, que os nossos bons Criticos modernos desconfiaõ da maior parte das coizas, que escreveraõ da nossa Espanha os Escritores Gregos e Latinos. Citarei sómente os Autores da nossa Historia Litteraria, (f) que

(a) Id. lib. 3. v. 366.

(b) Strab. pag. 157.

(c) Trog. Pomp. lib. ult. cap. 3.

(d) Plin. lib. 4. cap. 20.

(e) S. Isid. lib. 9. cap. 2.

(f) Mohedan. Hist. Litter. de Españ. tom. 1. Pr ol. n. 92.

vossos Historiadores de Espanha declarou, que todos elles; e principalmente o P. Joaõ de Marianna, naõ escreveraõ sobre as antiguidades destas Provincias mais, que fabulas grosseiras, e mal coordinadas: e se isto disse o Abbade Banier de Marianna, que he tido pelo mais cauto e reservado; que diremos nós dos outros?

Lam. Naõ he sómente em Espanha, Senhor Raulin; onde reina semelhante abuso, porque o vosso Abbade Vertot, como lemos em huma Dissertaõ inserta no tom. 2. da Academia das Inscriptões e Bellas Letras de Paris, se queixa, de que muitos Historiadores Francezes antigos e modernos acharaõ provas até para a mesma Fabula. Mas por isso mesmo, que os Escriitores Gregos e Romanos escreveraõ com notavel confusaõ as suas obras, e que mostraõ tam grande ignorancia das coizas nos nossos paizes; naõ devemos nós admirar-nos, que naõ assignassem precisamente o sitio, em que esteve fundado o *Forum Limicorum*, e que nos vejamos agora obrigados a adivinhar os seus pensamentos. Naõ me esquece, que o Senhor Raulin para se inclinar á opiniaõ, de que o nosso *Forum* esteve fundado em o nascimento deste Rio, se lembrou da autoridade de Strabaõ, que deixou escrito, que os Callaicos habitavaõ nos montes, o que diz favorece mais a Orense, que a Ponte de Lima. Porém eu da mesma autoridade do Geographo, quando diz: *Galleci autem novissime montana habitantes ut plurimum*: ajuizo, que elles habitaraõ primeiro nesta Ribeira, e na costa do mar, do que se retirassem ás montanhas; porque Strabaõ, que vivia em tempo de Augusto, e de Tiberio pelos annos 25 do nascimento de Christo, e que talvez falle do que succedia no seu tempo, affirma, que os tais Callaicos havia pouco *novissime*, que habitavaõ nos ditos montes; o que dá a entender, que antes disso existiraõ na costa, e nos planos: o que assim havia de succeder, se os tais Callaicos procediaõ dos Gregos, que huma grave autoridade de S. Jeronimo declara estabelecidos em todas as nossas costas maritimas: „ Leamos (diz o Santo nas suas Questões „ Hebraicas) os livros de antiguidades de Varro, e „ Ticino Capiton, e ao Grego Phlegonte, e a todos „ os mais eruditos Autores; e veremos, que quasi to- „ das

5, das as Ilhas , Ribeiras , e terras de todo o orbe , vi- ,,
 ,, zinhas ao mar , estaõ occupadas de habitadores Gre- ,,
 ,, gos , os quais , como já dissemos , possuirãõ todos os ,,
 ,, lugares maritimos desde os montes Amano e Tau- ,,
 ,, ro até o Oceano Britanico. ,, Ora se os Gregos occu-
 pavaõ , como diz S. Jeronimo , todas as costas maritimas
 até o Oceano Britanico ; he certo , que occuparaõ as
 desta nossa Provincia , e que se estabeleceraõ nella , antes
 de escrever Strabaõ a sua Geographia. O dizer Strabaõ , que
 no seu tempo pelos annos de Christo 25 , habitavaõ pouco
 havia os Callaicos nos montes , fortifica a opiniaõ , que si-
 go , de que em tempo de Bruto , que lhe precedeo mais
 de 160 annos , estavaõ os mesmos Callaicos dispersos por
 esta Ribeira vizinha da costa , e que este Capitaõ Roma-
 no fez nella a passagem tam decantada , de que fallaõ
 Livio e Floro , Historiadores Romanos.

Clarck. Meus amigos , eu estou já enfastiado de ouvir
 desenterrar mortos. O que a mim , e aos mais Estrangeiros
 póde interessar destas terras , he a noticia do seu estado mo-
 derno. O que ellas foraõ nos tempos antigos , he pouco
 importante aos que agora vivemos. Se quereis , que vos
 escute com gosto e attençaõ , ponderai o actual estado de
 Ponte de Lima , ou de alguma destas terras da Ribeira
 Lima.

Lam. Na conversaçãõ de hoje sómente propuzemos as
 antiguidades do Lima , dos Póvos Limicos , e do *Forum*
Limicorum dos Romanos. Ouvistes o antigo nome de Ponte
 de Lima , que foi o de *Forum Limicorum* , porque ainda
 he nomeada pelos Latinos esta Villa no presente tempo ;
 e que o Itinerario de Antonino a tractou com o nome
 de *Limia*. A nossa Rainha D. Teresa com seu filho D.
 Affonso Henriques lhe deo foral no anno de 1125 , no
 qual tambem lhe chama *Limia* ; e delle se mostra , que
 naquelle tempo possuía as terras desta Ribeira Sefnando
 Ramires : (a) desde entãõ em diante sempre se chamou a
 dita villa Ponte de Lima. Sandoval (b) cita huma escri-
 tura do archivo da Collegiada de Valença , que he hu-
 ma

(a) Brand. Monarch. Lusit. tom. 3. fol. 69.

(b) Sandov. Igreja de Tuy fol. 155. vers.